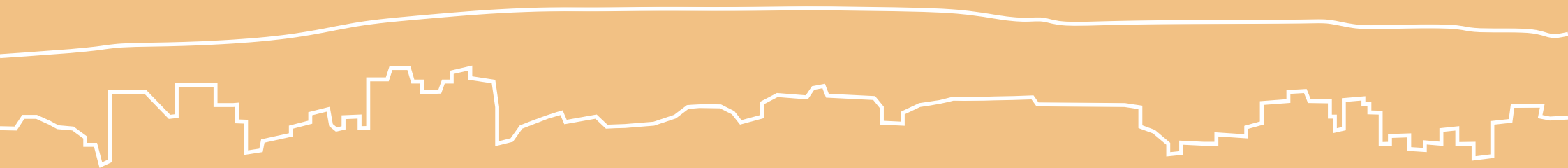


Museu da Paisagem de Criciúma

Trabalho Final de Graduação I
Universidade do Extremo Sul Catarinense
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Acadêmica: Gabriela Machado Nicoladeli
Orientador: Prof. Pedro Luiz Kestering Medeiros
Criciúma, 2021.





APRESENTAÇÃO

Esse trabalho aborda o tema ARQUITETURA DE MUSEUS, e busca, através de um projeto arquitetônico, criar um ambiente em que a história de Criciúma, Santa Catarina, seja exposta através da transformação da paisagem.

TEMA

Museu da Paisagem de Criciúma

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura de Museus,
Equipamento Cultural, Paisagem.

Durante os anos como acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, momentos alegres, de conquistas e momentos de tensão foram colecionados. A cada entrega, o alívio de ter finalizado uma etapa e o orgulho do que pude aprender eram sempre gratificantes. Para todos esses momentos, meus agradecimentos aos professores, que, cada um com a sua maneira, mostraram um caminho de possibilidades a serem seguidas.

Agradeço também aos meus amigos antigos, que por mais que tenham seguido caminhos diferentes, estão sempre comigo me proporcionando momentos de felicidade. Aos amigos que fiz durante a graduação, agradeço por viverem esses momentos comigo, muitas vezes com dificuldade, e sei que sem vocês isso seria impossível.

Ao meu namorado, que sempre acreditou em mim e me deu força nessa jornada. Por último, à minha família: minha nona, que sempre esteve disposta a ouvir todas as minhas histórias com a arquitetura, ao meu pai, que sempre me incentivou a não desistir e me deu todo o apoio necessário, e à minha mãe, que nunca mediu esforços para me ajudar e ser meu ombro nos momentos que precisei.

E por fim, a todos que não pude citar aqui, mas que muitas vezes, direta ou indiretamente, me ajudaram a estar aqui hoje e a você, que lê este trabalho, meu sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

Apresentação	03
Agradecimentos	05
Introdução	07
Problemática e Justificativa	08
Objetivo Geral	10
Objetivos Específicos	11
Metodologia	12
Fundamentação Teórica	15
O que é paisagem?	16
A história da paisagem	18
A paisagem natural e artificial	21
A paisagem e a cultura	22
Equipamentos culturais	23
Arquitetura de museus	24
Museus Nacionais	26
Museu Modernista	28
Novos Museus	30

Contextualização	33
O município: A história de Criciúma através da Paisagem	34
Localização	40
Leitura urbana	41
Definição do recorte	44
APA Morro Cechinel	46
O terreno	48
Pontos marcantes da paisagem ..	50
Equipamentos no entorno	52
Referencial de projeto: Museu do Chipre	54
Partido	59
Considerações preliminares	60
Síntese do projeto	61
Perspectivas	69
Conclusão	72
Referências Bibliográficas	73

Partindo do tema Museu da Paisagem de Criciúma, foram definidos caminhos a serem seguidos referentes as abordagens que o museu irá tratar. Como o foco é o projeto arquitetônico, questões mais voltadas ao espaço foram estudadas, mas também foi necessário abordar questões imateriais, como a história da paisagem.

O Trabalho Final de Graduação teve como principais fontes de pesquisa o livro Metamorfoses do Espaço Habitado, de Milton Santos, o artigo Arquitetura de Museus, de Flávio Kiefer e o artigo Considerações Sobre O Conceito De Paisagem, de Liz Abad Maximiano. A partir deles, foi desenvolvida a Fundamentação Teórica do estudo em questão, levantando tópicos como por exemplo o significado do conceito de paisagem, os diferentes tipos de paisagem, o que pode ser classificado como equipamentos culturais e os diferentes tipos de museus através dos anos.

A cidade onde o museu está inserido é fundamental para a compreensão do trabalho, pois a mesma dá o nome ao museu, assim como a sua temática a ser trabalhada. Criciúma tem como característica o desenvolvimento econômico baseado na exploração do carvão, o que por muitos anos transformou a paisagem da cidade e até hoje deixa suas marcas. Assim, procurou-se um referencial arquitetônico em que essa relação com a cidade seja explícita, um partido para o projeto.

A paisagem revela aspectos referentes à história, a cultura e à economia de uma sociedade, estando em constante transformação. Essas transformações podem ocorrer por forças naturais, que costumam levar mais tempo para se consolidarem, ou por interferência humana, que por sua vez são mais rápidas e podem ser vistas como algo negativo.

Entretanto, é possível transformar a paisagem de forma que haja um respeito do artificial para com o natural, em que ocorra uma congruência entre elas. Quando registrado essas mudanças, temos como resultado a história contada daquele povo, refletindo suas vivências, costumes, rotinas, particularidades e valores. Diante disso, vemos como a memória da paisagem é importante para a preservação das diferentes culturas, bem como ela nos auxilia a analisar criticamente o que já foi feito, para não cometermos os mesmos erros.

Dessa maneira, um museu é uma instituição que nos permite a interação, reflexão e socialização do conhecimento. Quando entramos num museu, nos sentimos parte daquela história, como uma memória intelectual e patrimônio da época. O conceito de Museu da Paisagem é novo e pouco explorado, porém podemos dizer que eles incorporam as paisagens tanto quanto estão sendo incorporados por elas. Em Criciúma/SC, não encontramos um equipamento que conte a história da cidade e de sua população, igualmente um espaço de representação cultural e lazer. Assim, propõe-se o Museu da Paisagem de Criciúma, que une a história, a natureza, a cultura e o lazer.

Dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC, podemos encontrar vários TFGs sobre equipamentos culturais, principalmente Centro Culturais. Porém, poucos realmente se aproximam do tema escolhido, e mesmo tendo alguma relação, nenhum possui o mesmo enfoque.

Por isso, abordar esse tema é muito importante e não deve se limitar apenas para dentro da Universidade, e sim se expandir para a população criciumense para que entendam e valorizem a sua própria história, contada através do Museu da Paisagem de Criciúma.

Procura-se trazer um equipamento totalmente novo para a cidade, em que o conceito de “museu” seja desmistificado. Ou seja, mudar o pensamento de que museu é algo monótono e estático, de forma que o público tenha interesse de visitar e revisitar, tendo a liberdade de acesso para quem tiver interesse, indiferente de classe social ou faixa etária.



OBJETIVO GERAL

Elaborar um projeto arquitetônico de um Museu da Paisagem em Criciúma, Santa Catarina, como forma de registro das transformações da mesma no município.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 01** Analisar os equipamentos culturais existentes na cidade de Criciúma/SC, com o intuito de aplicar as potencialidades e evitar as deficiências na proposta do Museu da Paisagem;
- 02** Oferecer para a população de Criciúma um equipamento cultural que apresente a história da cidade através da evolução da paisagem;
- 03** Aprofundar a relação do homem com a natureza, com o intuito de mostrar como a cidade se desenvolveu e dar uma visão de como poderá ser o futuro no âmbito ambiental;
- 04** Buscar referências de museus que promovam atividades interativas em seu percurso como forma de envolver e chamar a atenção do público;
- 05** Elaborar o projeto a nível de partido no TC1 e alcançar o nível de anteprojeto no TC2.

METODOLOGIA

Levantamento + Fundamentação Teórica

À partir de bibliografias e textos, levantar informações para a contextualização do tema. Bem como a realização de leituras de trabalhos finais de graduação da Universidade.

Contextualização + Leitura Urbana

Realizar o levantamento de mapas da região e do município a fim de fazer uma breve leitura da cidade de Criciúma, de modo a contextualizar a importância do trabalho proposto.

Referencial Arquitetônico

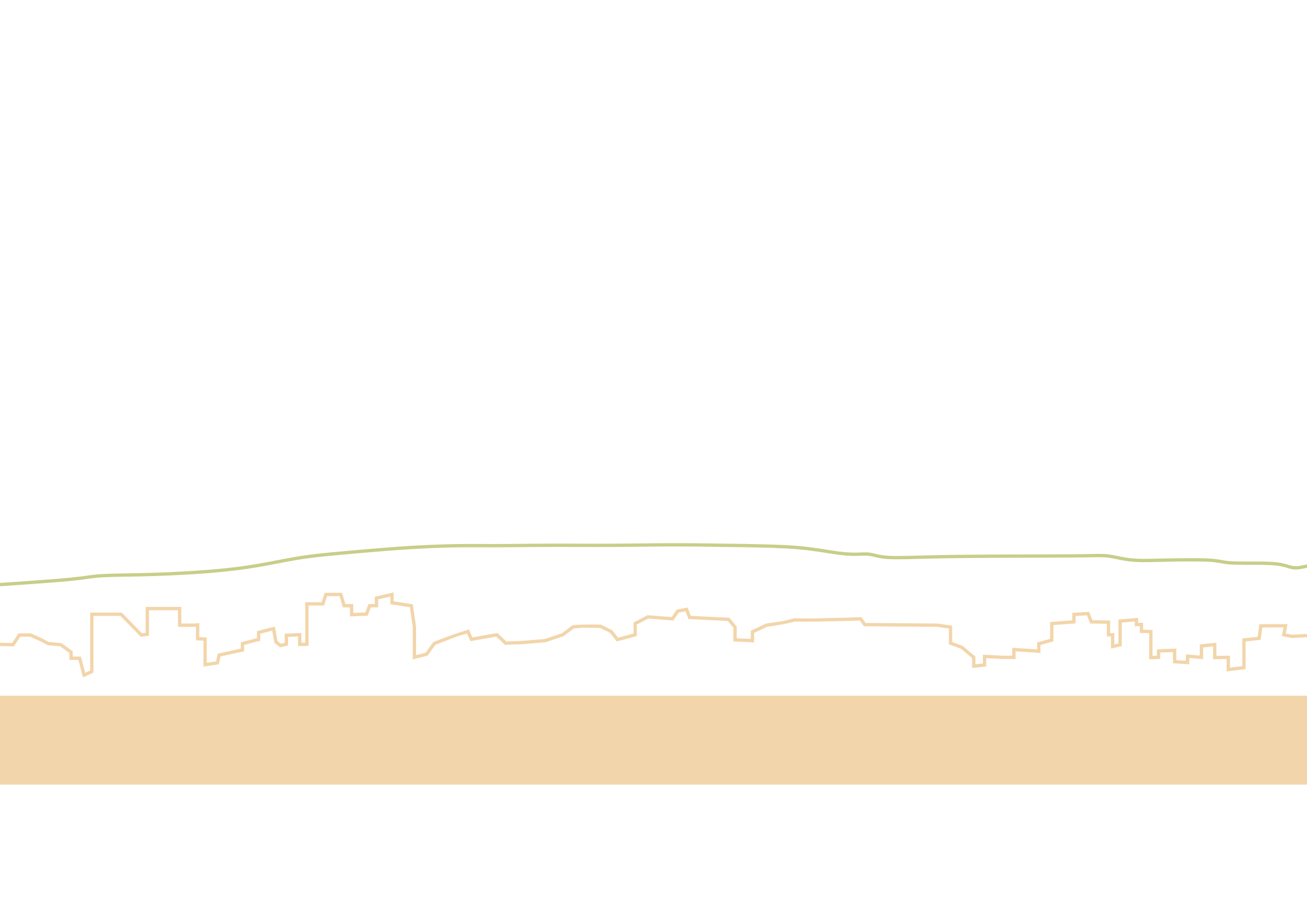
Estudar referenciais arquitetônicos para elaboração de um programa de necessidades, relações entre espaços construídos e abertos (público X coletivo), linguagem arquitetônica e técnicas construtivas.

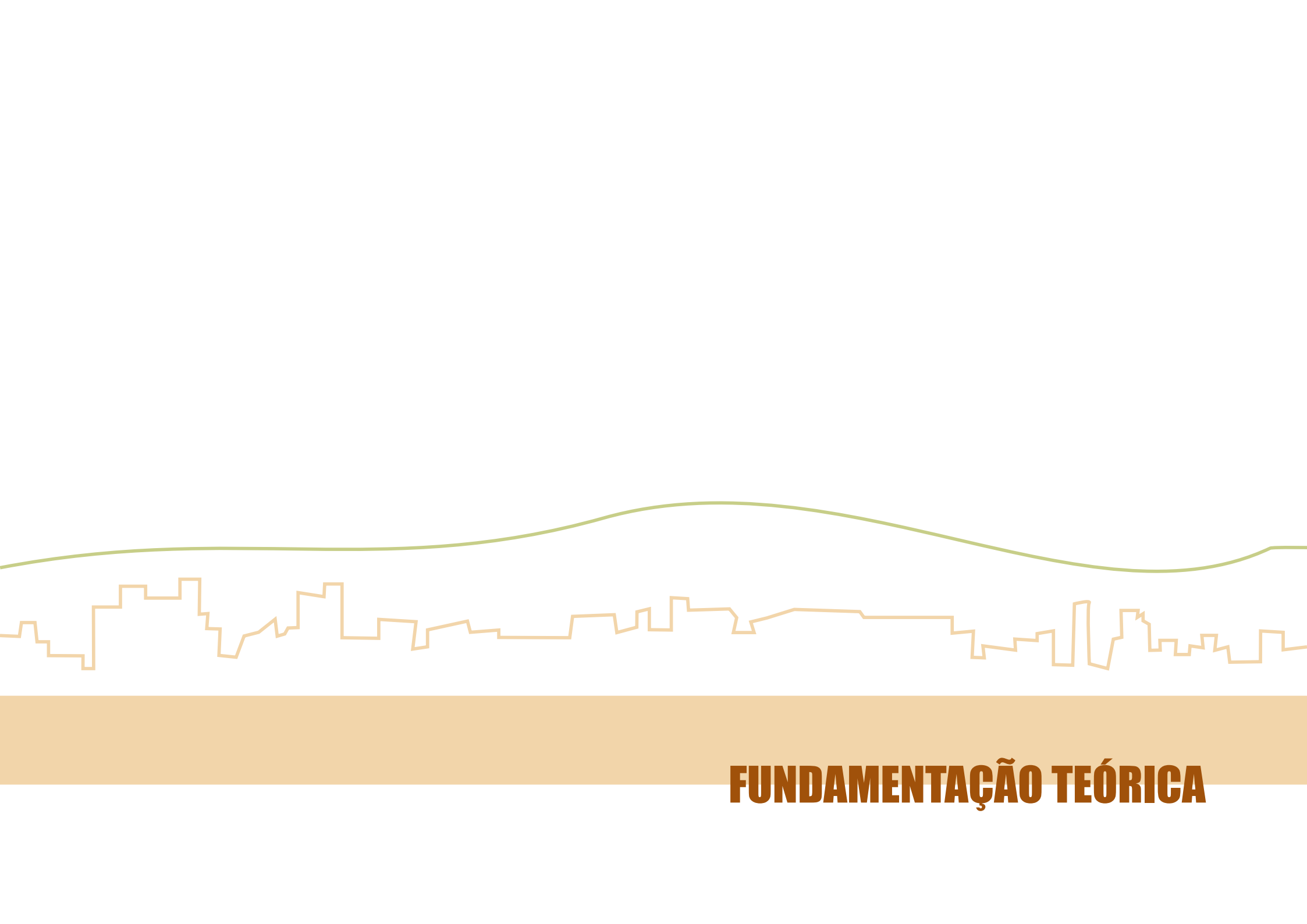
Levantamento de Terrenos + Recorte Escolhido

Levantar mapas de análise para definição da escolha de um recorte, identificando terrenos que possuem potencial para a implantação de um Museu da Paisagem.

Partido

Desenvolver e lançar ideias, pré dimensionamento e diretrizes de projeto, com implantação, fluxos, acessos e materialidade por meio de croquis, esquemas conceituais em forma de plantas, cortes e elevações.





FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de paisagem varia conforme as disciplinas científicas e o senso comum, porém há parâmetros equivalentes entre essas definições que delimitam o tema. Como exemplo disso temos a sociedade oriental e a ocidental, que de acordo com a distinção geográfica e cultural, desenvolveram suas noções de paisagem sobre fundamentos diferentes.

Até o século XX, aproximadamente, em todas as civilizações, o conceito mais elaborado de paisagem era associado à arte e aos jardins, sendo um assunto para poucos. No ocidente, o primeiro termo para designar paisagem foi a palavra alemã *landschaft*. Na Europa, a intervenção humana para organizar a natureza era conhecida como “arte dos jardins”, e consistia principalmente em uma representação gráfica da paisagem, posteriormente identificada como “paisagismo” (MAXIMIANO, 2004, p. 85).

No Congresso da União Geográfica Internacional – UGI, em Amsterdã, em 1938, surgiu a necessidade de uma definição clara do que fosse paisagem, uma vez que era evidente a dificuldade de aplicar conceitos de paisagem à prática ou à uma finalidade concreta.

Em 1971, a Organização para Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas – Unesco, definiu a paisagem como “a estrutura do ecossistema”. O Conselho Europeu diz que “o meio natural, moldado pelos fatores sociais e econômicos, torna-se paisagem, sob o olhar humano”.

Para os geógrafos, há um consenso de que a paisagem resulta da relação entre elementos físicos, biológicos e antrópicos, sendo que não é apenas natural uma vez que inclui a existência humana. De acordo com Santos (2014, p.67-68), geógrafo brasileiro, paisagem é “tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”

Muitos também davam como sinônimos paisagem e região. É fato que, em tempos bastante remotos, a geografia correspondente a cada grupo seria a explicada pela própria ação do grupo, e a paisagem e a região estavam diretamente associadas. Essa ideia persistiu no espírito dos geógrafos europeus até o fim do século passado. (SANTOS, 2014, p.69).

A paisagem é responsável por registrar vários aspectos que representam a sociedade. Nesse sentido, o conceito de paisagem amplia-se, na medida em que não se limita a uma divisão geográfica. Ela revela aspectos referentes à história, à cultura e, entre tantos outros aspectos, à economia de uma sociedade.

Para Bertrand (1972, p.1 apud MAXIMIANO, 2004, p. 88), não seria simplesmente a junção de elementos geográficos que resultaria em uma paisagem, mas a combinação dinâmica, instável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, porque a paisagem não é apenas natural, mas é total, com todas as implicações da participação humana.

Desde o início dos tempos, a noção de paisagem está presente na memória do ser humano, mesmo sem a elaboração do conceito em questão. Podemos perceber isso nas pinturas rupestres (30 mil a 10 mil anos a.C.), que retratavam a paisagem de acordo com a percepção de quem estava ali pintando. As pinturas rupestres da França (Lascaux) e norte da Espanha, são consideradas as primeiras concepções conscientes do ser humano, a respeito da paisagem. (JELLYCOE y JELLYCOE, 1995, apud MAXIMIANO, 2004, p. 84).

Em 2500 a.C., com os povos da Mesopotâmia, a relação com a paisagem era de precaução com o desconhecido, sendo ele outros povos ou forças naturais. Por isso, o conhecimento da realidade definia como a paisagem era vista, o que ocorre até hoje em dia, porém com valores econômicos, estéticos e religiosos diferentes.

Na região dos rios Tigres e Eufrates e posteriormente nos jardins de influência moura na Espanha, a paisagem era apresentada unindo o utilitarismo e a estética, através da escolha de elementos benéficos de um ambiente silvestre considerado hostil na maioria das vezes.

Já em Roma, as construções arquitetônicas, como os parques públicos, eram postas em evidência, deixando de lado a vegetação e os animais. Isso se estendeu até a Idade Média dos feudos, onde as cidadelas eram fechadas, abrigando espaços como jardins, hortas, pomares, áreas de meditação e lazer.

Pinturas rupestres em Lascaux.
Figura 02.
Fonte: Dicas Europa.
Acesso em: 06 de abr. 2021.



Patio de los Naranjos, em Sevilha, Espanha.
Figura 04.
Fonte: Panrotas.
Acesso em: 06 de abr. 2021.



Ilustração moderna de Tebas, mostrando a cidade
e o Templo de Luxor em destaque.
Figura 03.
Fonte: Apaixonados por História.
Acesso em: 06 de abr. 2021.



Ilustração de cidade na Idade Média.
Figura 05.
Fonte: Blog da Arquitetura.
Acesso em: 06 de abr. 2021.



Fotografia do Monte Fuji com flor de cerejeira, Japão.
Figura 06.

Fonte: Reggie Pen.

Acesso em: 26 de abr. 2021.



Ilustração do Palácio de Versalhes, França.
Figura 07.

Fonte: Paisagismo Brasil Blog.

Acesso em: 06 de abr. 2021.



Enquanto na antiguidade ocidental a natureza era vista com certa oposição ao homem, na cultura oriental era tida a natureza como um sistema vivo, do qual o ser humano fazia parte. Na China, os bosques primitivos eram frondosos, com inúmeras espécies e flores e com um solo fértil, o que fez com que os chineses tivessem uma percepção amena sobre a paisagem, influenciando seus pensamentos e filosofias.

A partir da Renascença, na França, surgiu o termo *paysage*, que se aproximava ao *landschaft*, e era associado à estética. Os chamados jardins "à francesa" eram organizados com marcas de unidades e grandeza, buscando a simetria. Em torno do eixo principal, ficavam a natureza civilizada, e conforme iam se afastando, passavam pela rústica até chegarem na selvagem, mais ao exterior.

Por volta do século XIX, no Brasil, a concepção e paisagem foi influenciada pelas escolas francesas e alemãs de geografia, sendo resultado das relações históricas do Velho e Novo Mundo.

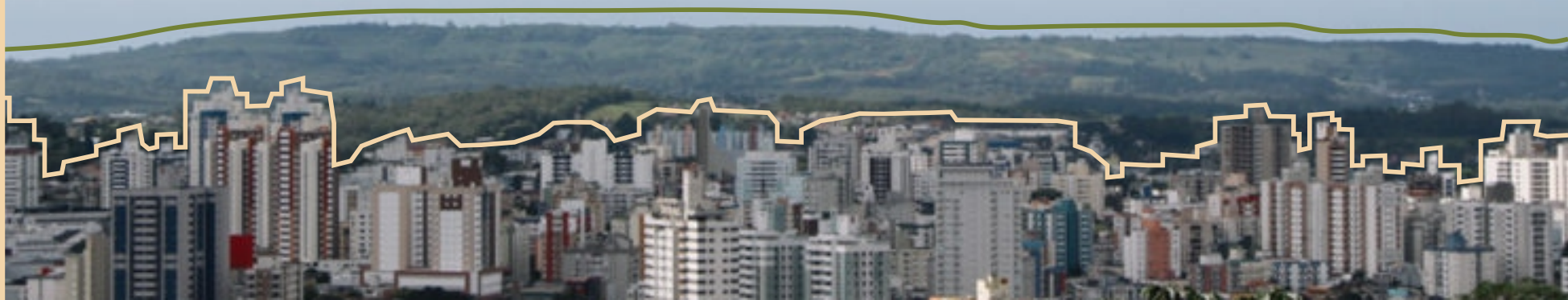
A PAISAGEM NATURAL E ARTIFICIAL

A **paisagem artificial** é a paisagem transformada pelo homem (estradas, edifícios, pontes, portos).

A **paisagem natural**, em resumo, é aquela que ainda não foi mudada pelo esforço humano, que remete à natureza (serra, mar, cascatas).

Antigamente, a maior parte das paisagens eram naturais. Porém, com o passar dos anos, elas foram ficando cada vez mais escassas devido a exploração humana. Hoje, os poucos fragmentos de paisagens naturais existentes são alvos de preocupação, pois muitas delas são objetos de interesses econômicos e políticos.

A paisagem como um todo é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. [...] Quanto mais complexa a vida social, mais nos distanciamos de um mundo natural. (SANTOS, 2014, p.71).



À medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural. É a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx (SANTOS, 2014, p. 70).

Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas. (SANTOS, 2014, p.70). Ou seja, a paisagem está diretamente ligada às diferentes culturas, uma vez que, independente de ser natural ou artificial, a paisagem de determinado local dirá muito sobre a população existente ali, como esses dois meios se relacionam. Em outras palavras, a forma como ela se apresenta indica costumes e valores dos seus habitantes.

Vale ressaltar que a paisagem cultural está relacionada com a paisagem artificial, uma vez que essa possui influência do homem, por menor que seja. É importante notar que a paisagem cultural de uma cidade pode ser assinalada pelos locais em que são transmitidas a identidade cultural e histórica do povo que ali vive.



Figura 8 - Comunidade Mocambo, em Porto da Folha .

Fonte: TV Sergipe.

Acesso em: 29 de out. 2019.

De acordo com Santos (2016, p.12) equipamento cultural

designa organizações culturais das mais diversas tipologias como teatros, cinemas, bibliotecas, arquivos, galerias, espaços polivalentes, salas de concerto, museus, dentre outros. Ainda serve de sinônimo para termos como casa de cultura, espaço cultural, complexo cultural, conjunto cultural, centro de cultura ou ponto de cultura. Em sua abrangência, o conceito ajuda a pensar as similaridades e complementaridades deste conjunto tão diverso. Sua adoção relaciona-se com o propósito de identificar pontos de convergência entre estas diferentes tipologias e de lhes permitir uma ação cooperada e estratégica em relação aos territórios com os quais interagem. Um equipamento cultural é um ponto de encontro entre artistas, técnicos do espetáculo e gestores; entre artistas e público; entre público e obra artística e, finalmente, entre todos estes e a cidade em si.

Esses equipamentos têm a função de promoverem ações culturais do ponto de vista artístico, estimularem o aprendizado, valorizarem as expressões e representações de cada cultura, inserirem práticas culturais no cotidiano dos cidadãos, servir de extensão do espaço público, influenciando na construção de valores na sociedade.

Do ponto de vista econômico, os equipamentos culturais podem mobilizar a cadeia produtiva, associando-se ao turismo e ao comércio, abrangendo conceitos da economia criativa. Outro ponto importante é a visão política, que analisa os equipamentos como decisivos no processo de desenvolvimento territorial.

Em seu sentido lato, os museus são tão antigos quanto a própria história da humanidade. Pode-se considerar que eles existem desde que o ser humano começou a colecionar e guardar, para si ou seus deuses, objetos de valor em salas construídas especialmente para esse fim. A palavra museu tem origem antiga, provém do grego Museion, e significa "santuário dos templos dedicados às musas, que recebem doações, ex-votos, oferendas...". (GIRAUDY, 1990 apud KIEFER, 2000, p. 12)

É no livro de Durand (1819) que os museus ganham um verbete com alguns desenhos. Segundo ele, os museus deveriam ser construídos dentro do mesmo espírito das bibliotecas, ou seja, um edifício que guarda um tesouro público e que é, ao mesmo tempo, um templo consagrado aos estudos (KIEFER, 2000, p.13).

No século XX, os museus se tornam um fenômeno, não se limitando mais à população mais favorecida. Passaram a ocupar edifícios públicos existentes, de preferência os palácios que se encontravam recheados de obras de arte.

Atualmente, os museus adquiriram uma nova importância econômica e social, tornando-se uma das formas de cidades e países se incorporarem nas rotas turísticas internacionais.



① Esquema de organização de um museu

Figura 9 - Esquema de organização de um museu .
Fonte: Arte de Projetar em Arquitetura , Neufert.
Acesso em: 29 de out. 2019.

Neufert (1976, p. 412) cita "Museus", especificando as salas de exposições, atribuindo a elas a função de proteger os objetos artísticos ou científicos da destruição, roubo, fogo, humidade, desidratação, Sol e poeira, além de exibi-los nas condições de luz mais favoráveis.

O autor diz também que as obras expostas devem poder ser observadas sem dificuldade, sendo assim necessárias salas grandes, podendo ser subdivididas. Outra orientação é que cada parede exponha apenas um quadro, e pode ser dimensionada de acordo com o tamanho da obra, para melhor aproveitamento de espaços. A parede do museu deixa de ter realidade material, espessura que contém "janelas", para se transformar em "fundo" neutro que ressalta objetos autônomos.

Para Kiefer (2000, p. 14-24), os museus podem ser classificados de três maneiras diferentes de acordo com os períodos históricos em que estão inseridos, como citados a seguir.

MUSEUS NACIONAIS

Criados em resposta à crescente demanda de participação nos negócios do estado por uma burguesia ascendente, são caracterizados pela arquitetura de palácios na sua primeira forma de expressão. Um exemplo disso é o Museu do Louvre, em Paris, que foi transformado em museu e antes era parte do palácio do governo da França. Os museus passaram a ocupar edifícios públicos existentes, de preferência os palácios que se encontravam carregados de obras de arte.

Os primeiros projetos de museus são apenas intenções teóricas, ou seja, não possuem vínculo com encomendas efetivas. Eles não tinham tradições suficientes para gerar um conhecimento sobre suas necessidades programáticas, porém era claro a importância que estavam tendo na época de sua ascensão.

Comparavam os museus com as bibliotecas, pois ambos abrigam um tesouro público: o conhecimento humano. Além disso, os dois equipamentos eram vistos como templo destinado ao estudo. Nas cidades menores, os dois eram reunidos no mesmo edifício.

A organização das salas típicas dos palácios eram convenientes para a implantação dos Museus Nacionais, pois favoreciam a exposição de telas e de todo tipo de objeto que até então abrigavam em um circuito sequencial. Além disso, a segurança que esses edifícios já tinham garantia o controle necessário para o museu. O grande defeito dessa tipologia foi o distanciamento com o público pela maneira que as exposições eram apresentadas.

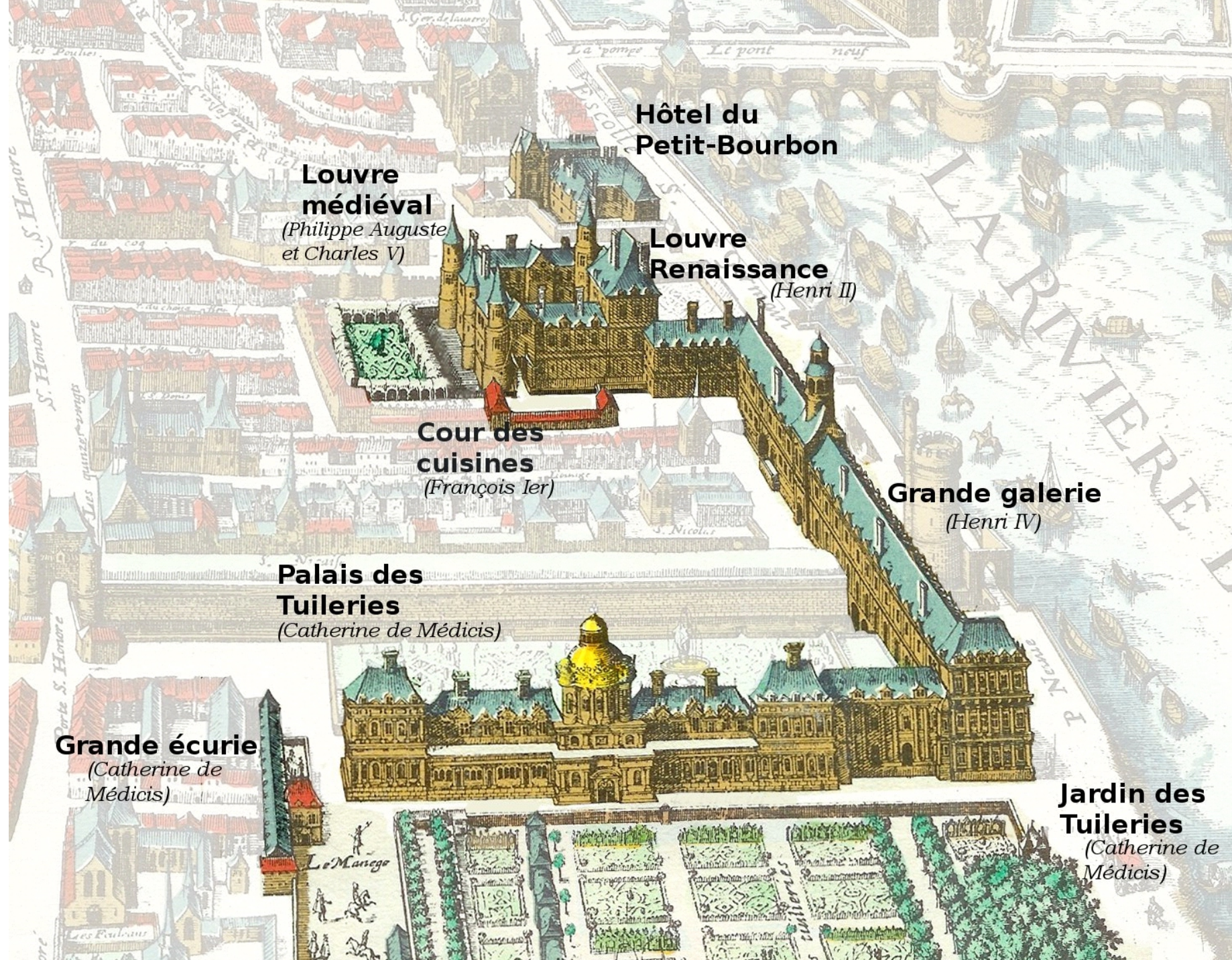


Figura 10 - Esquema demonstrando como era setorizadoo Palácio do Louvre .
Fonte: Wikipédia. Acesso em: 29 de out. 2019.

MUSEU MODERNISTA

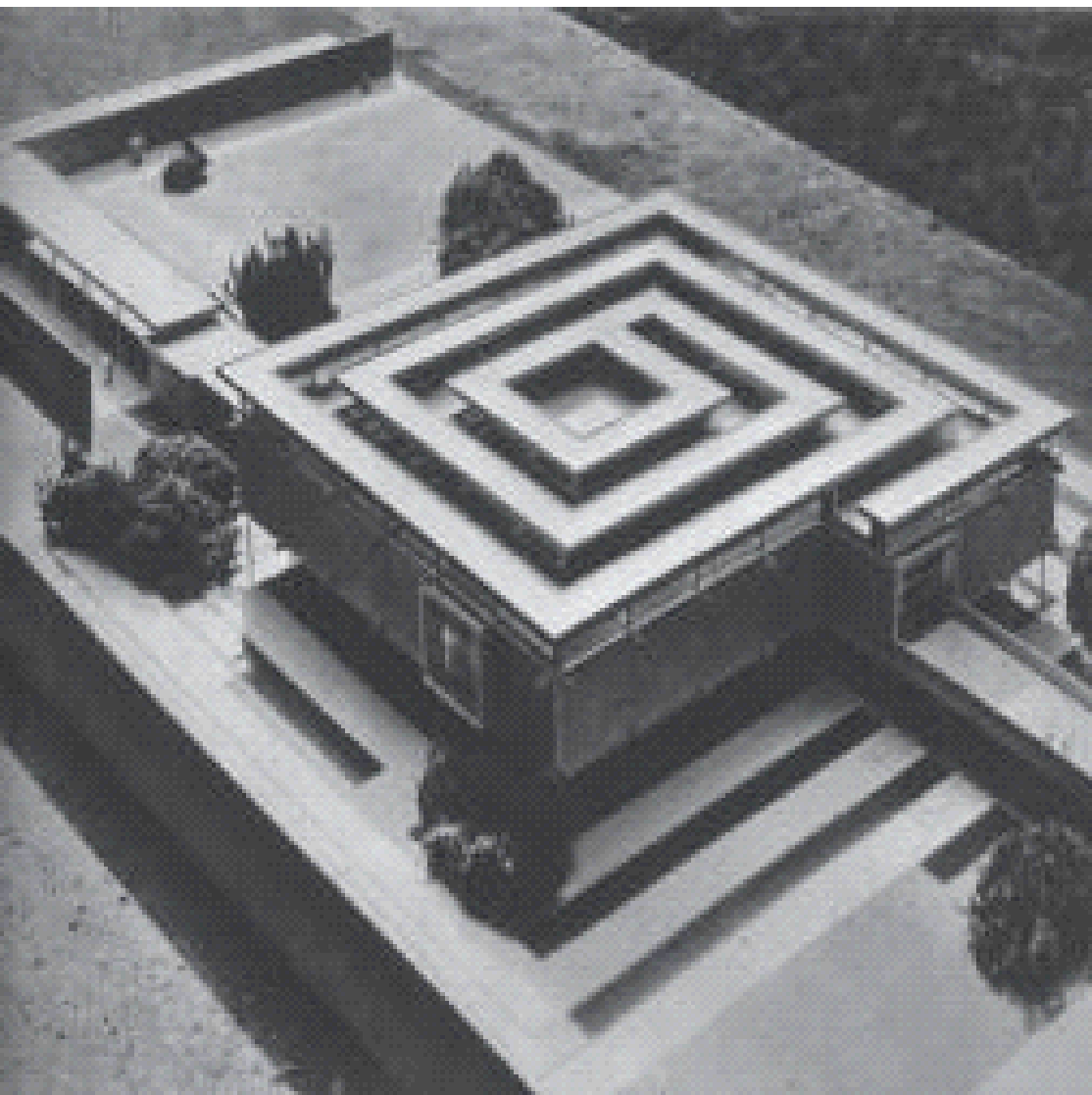
Junto com a arte moderna, surge a relação entre o artista-museu-expectador. As ideias modernistas na arquitetura de museus vão aparecer pela primeira vez quando Le Corbusier projeta o Museu Sem Fim em Paris.

Os museus nacionais eram considerados lugares conservadores que causavam uma má impressão para os modernistas. Lúcio Costa, em 1926, escreveu em uma carta:

“Levei dias para me aclimatar com o Louvre. Que mundo, que inestimável tesouro. Pena é ser tão francamente museu - prefiro apreciar as obras de arte em palácios ou antigos hotéis. É menos catalogado, menos arrumado, empilhado. Por maior que seja o prazer que se tenha de ver cada quadro de per si, o conjunto, assim em massa, amontoado, cansa, aborrece. A vizinhança destrói, a quantidade desvaloriza... E os velhos guardas que se arrastam naquela atmosfera de catacumba, de coisa morta...”
(COSTA, 1995 apud KIEFER, 2000, p. 18)

Em resumo, eram considerados lugares cansativos, pesados e meramente instrutivos.

Foi nesse período que os conceitos de acessibilidade foram pensados, todos tinham direito de acesso aos museus. Além disso, outra alteração importante foi a simplificação dos espaços internos: a fluidez e a transparência são as marcas desse período. O conceito por trás dos museus também tinha mudado, eles eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar, independente do acervo exposto. Foi então adicionado restaurantes, lojas, parques, jardins e outras funcionalidades que contribuíam para esse programa. A presença da estrutura, muitas vezes de forma crua e brutalista, assegurando a possibilidade de grandes plantas livres e propiciando o controle da iluminação natural, quase sempre por sheds, vai ser uma das grandes marcas desse período.



096
pós-

Figura 11: Museu do Crescimento Ilimitado, Le Corbusier, Paris, 1939. Esquema circulação-galeria (s/escala). Fonte: Desenho dos autores.

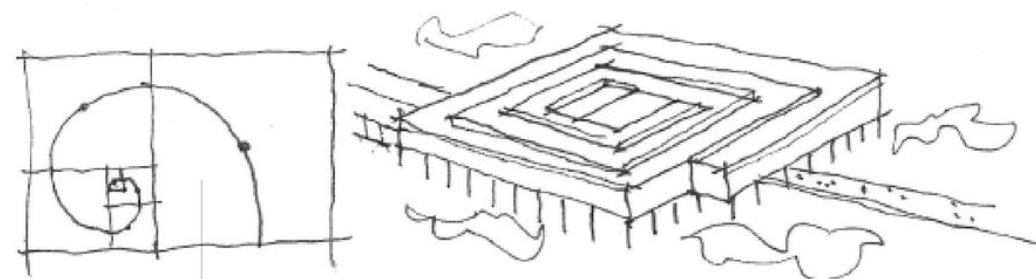
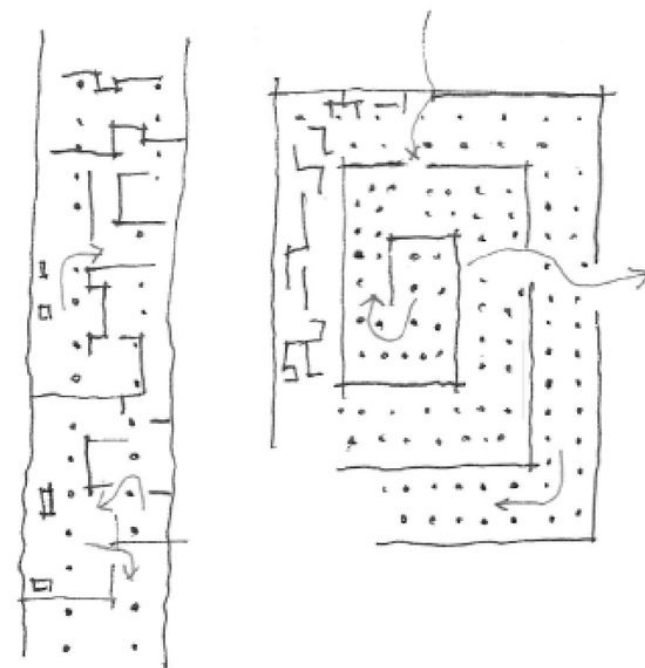


Figura 12: Museu do Crescimento Ilimitado, Le Corbusier, Paris, 1939. Fonte: Desenho dos autores.

Figura 11 - Maquete representando o Museu Sem Fim, de Le Corbusier.
Fonte: Marcia de Oliveira.
Acesso em: 29 de out. 2019.

Figura 12 - Esquemas conceituais do Museu Sem Fim, de Le Corbusier.
Fonte: Marcia de Oliveira.
Acesso em: 29 de out. 2019.

NOVOS MUSEUS

Atualmente, os arquitetos têm bastante liberdade para proporem diferentes soluções para seus projetos de museus. Independente do estilo adotado, o que os une são as circulações internas e principalmente a preocupação na inserção da paisagem urbana. Uma referência importante dessa terceira fase dos projetos de museus é o trabalho de James Stirling para a Neue Staatsgalerie em Stuttgart, na Alemanha. Inaugurado em 1982, o destaque do projeto vai para a maneira que é inserido na cidade, formando um verdadeiro caminho de ligação entre dois setores da cidade. Os espaços abusam do ecletismo, das citações, ironias e humores.

A junção dos conhecimentos sobre a conservação de objetos em museus criou a “ciência museológica”, que foi um ponto marcante para esse período. Assim, os museus deixam de ser simples galerias de exposição e passam a ter um programa muito mais complexo, com a substituição das antigas galerias por um espaço flexível, com a excelência dos métodos de conservação, exibição e iluminação dos objetos e com o papel urbano que assumem, como monumento e lugar de arte.

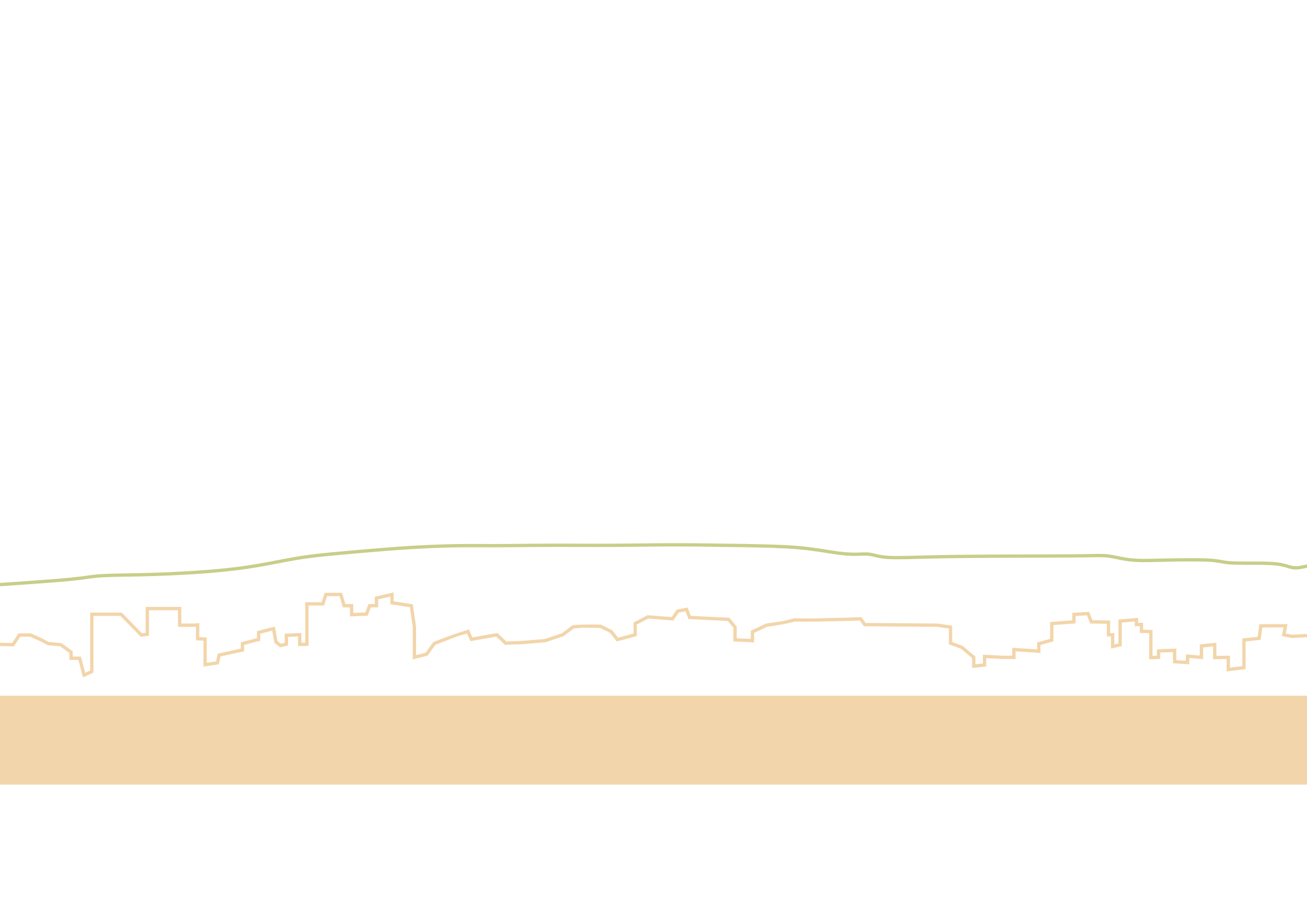


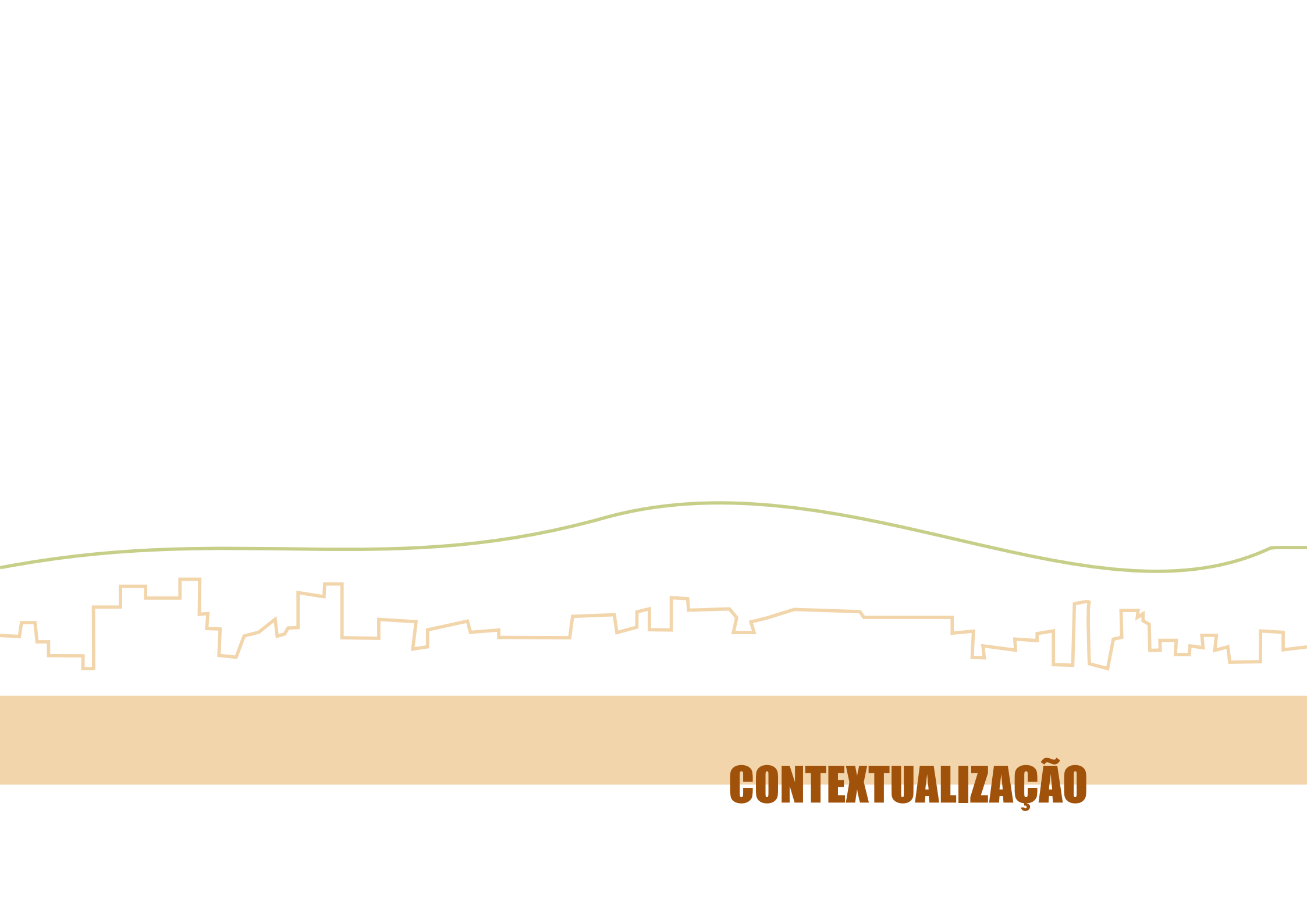
Entende-se que a percepção do espaço museológico mudou ao longo dos anos. Museus antigos eram mais contemplativos, e, conforme os anos foram passando, a interação entrou como papel fundamental na composição do equipamento.

Outra mudança significativa, foi a preocupação com a inserção da paisagem, unindo o projeto do museu com o local onde está inserido.

Mesmo que o museu no seu processo dinâmico de circulação, explore elementos ou situações da paisagem urbana, esses sempre vão estar atrelados à um conceito cultural, econômico, etc.

Figura 13 e 14 - Neue Staatsgalerie.
Fonte: Luftbild.
Acesso em: 29 de out. 2019.





CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 1880, imigrantes italianos davam início a colonização de Criciúma. Sua formação inicial foi em torno do leito do Rio Criciúma, em função das facilidades que o rio proporciona. A primeira transformação marcante da paisagem, foi a capela de madeira construída no ano de 1895, e que, anos depois, foi substituída por um templo de alvenaria com dimensões maiores, finalizado em 1917. A igreja estava localizada na Praça Nereu Ramos, projetada para ser a maior praça da cidade. Nesse período, o carvão já era explorado e comercializado para cidades próximas, o que levou a construção da ferrovia, chamada de Estrada de Ferro Tereza Cristina.

Outro momento marcante, foi a construção do primeiro hospital de Criciúma, o Hospital São José, inaugurado em 1936. Quatro anos após, a cidade ganhava seu primeiro cinema, chamado de Cine Rovaris, localizado na Praça Nereu Ramos, sendo uma grande paixão da população da época.

A Praça do Congresso surgiu em 1946, por conta do Congresso Eucarístico Nacional em Criciúma, sendo adicionado posteriormente o lago, a arborização e o parque infantil. Por ser uma cidade com forte influência católica, outro ponto marcante da cidade é a Igreja de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros. Foi construída em 1960, no bairro com o mesmo nome, antes denominado Vila Operária.

Nos anos 70, com a crise do carvão, os trilhos deram lugar ao que hoje é a Avenida Centenário, ponto marcante na paisagem da cidade até os dias de hoje. Alguns anos depois, em 1996, os três terminais de ônibus – Próspera, Centro e Pinheirinho – foram interligados, expandindo a operação do transporte urbano na cidade.



Inauguração da primeira capela de Criciúma.

Figura 15.

Fonte: João Shruzzi apud GUSTAVO DE LUCCA, 2015.

Acesso em: 26 de abr. 2020.



Estrada de Ferro Tereza Cristina.

Figura 17.

Fonte: Arquivo histórico Pedro Milanez, retirado de Web Satc.

Acesso em: 13 de abr. 2020.



Figura 16.

Fonte: Arquivo histórico Pedro Milanez, retirado de Web Satc.

Acesso em: 13 de abr. 2020.



Praça Nereu Ramos.

Figura 18.

Fonte: Arquivo histórico Pedro Milanez, retirado de Web Satc.

Acesso em: 13 de abr. 2020.

Um dos poucos equipamentos culturais da cidade, o Museu Histórico Augusto Casagrande, foi construído em 1920. Só após 1978, quando o casarão foi doado pela família Casagrande, ele se tornou um museu, que hoje é tombado como patrimônio histórico.

O Paço Municipal Marcos Rovaris também tem grande importância para a paisagem da cidade, uma vez que foi inaugurado em 1981 em comemoração ao centenário de Criciúma, hoje abrigando a prefeitura.

Conforme os anos foram passando, diferentes elementos foram surgindo e, com isso, marcando a paisagem da cidade. Quando os colonizadores chegaram em Criciúma, a vegetação era a principal referência. Com a construção da primeira igreja e a praça que a cerca, a natureza foi virando coadjuvante. Anos depois, por volta dos anos 70, com o processo de verticalização da cidade, edifícios como o Comasa, o Lúcio Cavaler e o União Turismo Hotel viraram pontos marcantes para a população. Hoje, Criciúma é marcada por uma paisagem que mescla esses elementos construídos com a vegetação nativa ou em estágio de regeneração.



Praça do Congresso

Figura 19

Fonte: Arquivo histórico Pedro Milanez, retirado de Web Satc.
Acesso em: 13 de abr. 2020.



Museu Augusto Casagrande.

Figura 21.

Fonte: Arquivo histórico Pedro Milanez, retirado de Web Satc.
Acesso em: 13 de abr. 2020.



Avenida Centenário em 1982.

Figura 20.

Fonte: Arquivo histórico Pedro Milanez, retirado de Web Satc.
Acesso em: 13 de abr. 2020.



Edifício Lucio Cavaler.

Figura 22.

Fonte: Acervo de Manoel Urbano dos Santos apud GUSTAVO DE LUCCA, 2015.

Acesso em: 26 de abr. 2020.

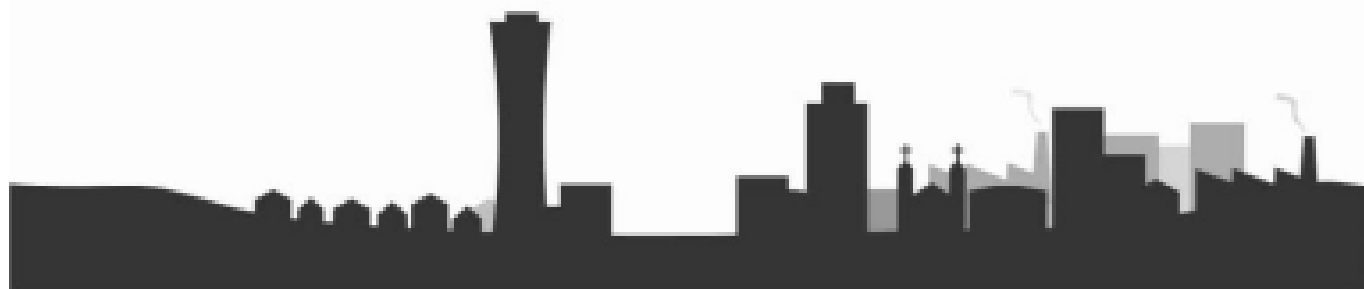




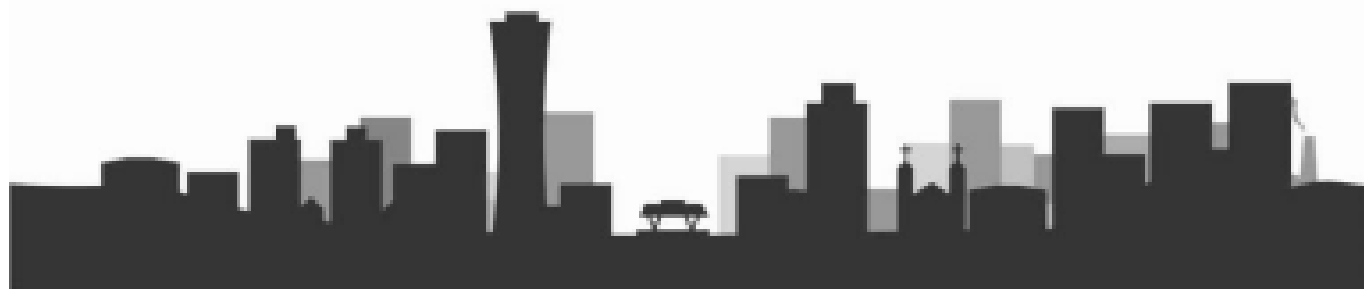
Período colonial



Ciclo carbonífero



Ciclo da diversificação industrial



Período neoliberal

Representação do Skyline de Criciúma em diferentes períodos históricos, evidenciando a transformação da paisagem.

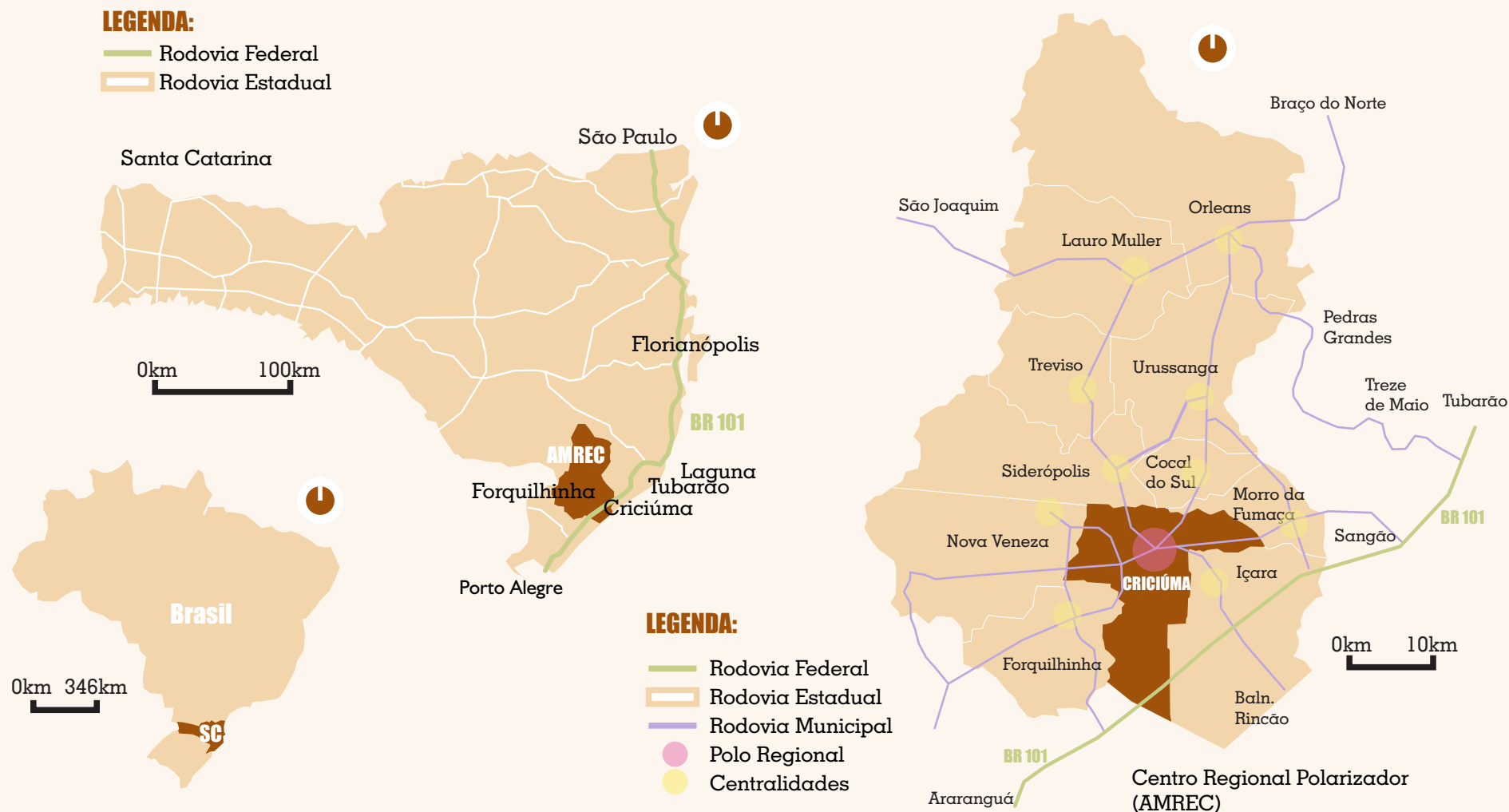
Figura 23.

Fonte: GUSTAVO DE LUCCA, 2015.

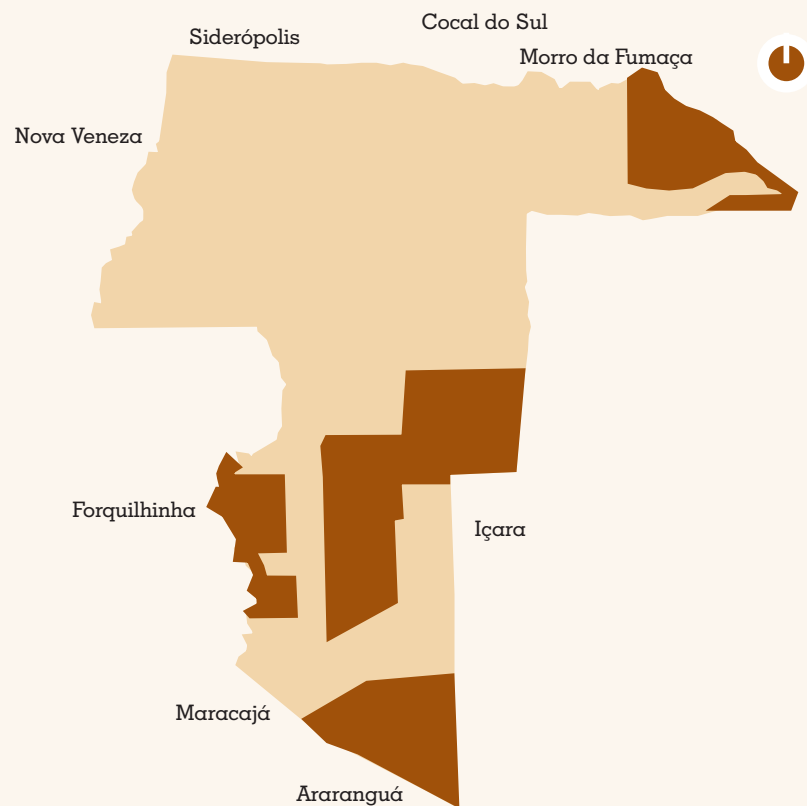
Acesso em: 26 de abr. 2020.

Avaliando esses aspectos referentes à paisagem, existem alguns elementos que merecem ser valorizados, e também os elementos "negativos". Ambos são de extrema importância na representação do museu, o primeiro como forma de admiração e reconhecimento pessoal na paisagem da cidade. O segundo, como uma forma de percepção dos erros do passado e um cuidado para preservar as futuras gerações dos mesmos.

LOCALIZAÇÃO



Criciúma é um município situado no estado de Santa Catarina, a 200 km da capital Florianópolis, localizado no sul do Brasil. Possui, conforme o IBGE 2018, uma população estimada de 220 mil habitantes com uma área total de 235,701km². É uma das principais cidades da Associação de Municípios da Região Carbonífera (AMREC), configurando um polo regional atrator tendo sua economia diretamente ligada à estrutura da cidade.



PERÍMETRO URBANO

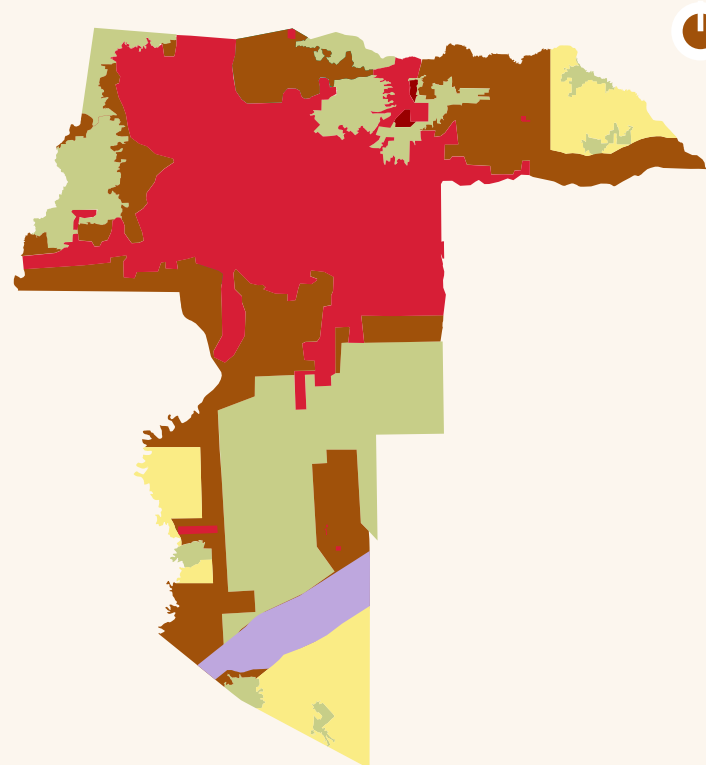
LEGENDA:

- Zona Urbana
- Zona Rural

Figura 27.

Fonte: PMC (adaptado pela autora).

Esc.: 1/25000.



MACROZONEAMENTO

LEGENDA:

- Macrozona Proteção Ambiental
- Macrozona Consolidação Urbana
- Macrozona de Expansão Urbana
- Macrozona Rural
- Macrozona da Faixa Lindeira a BR-101

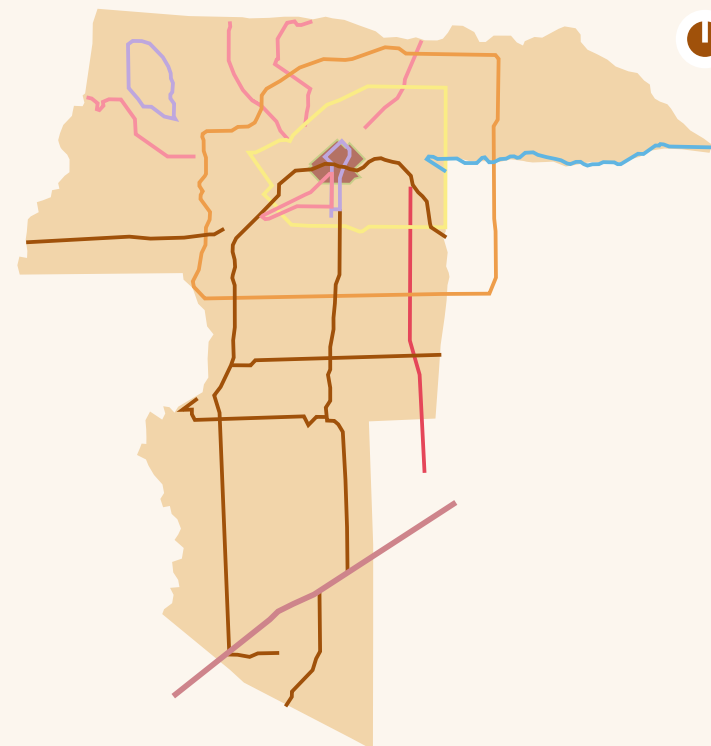
Figura 28.

Fonte: PMC adaptado pela autora).

Esc.: 1/25000.

Criciúma é um município com uma malha viária complexa, sendo disposta a partir da Avenida Centenário, antiga Ferrovia Tereza Cristina, seguindo por suas artérias secundárias (Álvaro Catão, Luiz Lazzarin e Luiz Rosso), e, posteriormente suas coletoras.

Possui também uma malha de anéis viários, cujo objetivo é minimizar o tráfego do Centro de Criciúma, facilitando a entrada e saída da cidade.

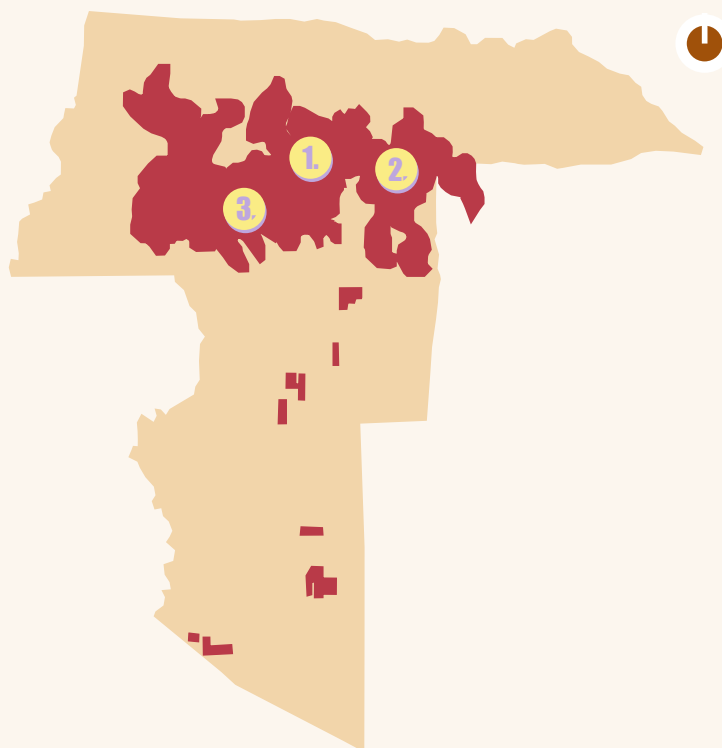


LEGENDA:

- Anel viário Central
- 2º anel viário Central
- Anel viário - contorno Criciúma
- Anel do Metropol
- Anel de contorno Intermediário a implantar
- Via rápida
- Anel de contorno viário
- SC - 443
- BR - 101
- Recorte Centro

SISTEMA VIÁRIO

Figura 29.
Mapa Anéis Viários. Fonte: IPAT (adaptado pela autora).
Esc.: 1/25000.



CENTRALIDADES

LEGENDA:

- Mancha Urbana
- 1. Centralidade = Bairro Centro
- 2. Centralidade = Bairro Próspera
- 3. Centralidade = Bairro Pinheirinho

Figura 30.

Fonte: TCC Monique Castanhetti (adaptado pela autora).

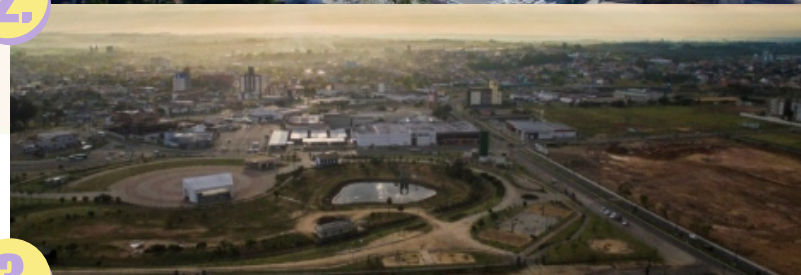
Esc.: 1/25000.

A primeira centralidade ocorreu devido ao cruzamento de dois caminhos que marcaram o início da cidade. Com a descoberta de minas de carvão, desenvolveu-se o bairro Próspera, já o bairro Pinheirinho só possui o caráter central quando ligado ao bairro Universitário. A maior ligação entre os bairros e suas centralidades é a Avenida Centenário, e suas conexões são os terminais.

1.



2.



3.



Figura 31, 32, 33

Fonte: Engeplus, Diário de Notícia e Engeplus, respectivamente.

Duas áreas foram analisadas para a definição do melhor recorte e, em seguida, do terreno para o desenvolvimento do projeto arquitetônico. Alguns pontos que foram levados em consideração são:

MORRO CECHINEL

O Morro Cechinel está dentro da APA (Área de Proteção Ambiental) do Morro Cechinel, segunda maior APA do município;

Popularmente conhecido como Morro da TV, é o ponto mais alto da cidade, com 260 metros de altura;

Existe um projeto da construção de um mirante devido a visão panorâmica privilegiada da cidade;

A área no passado foi altamente minerada, sendo que atualmente a mata já cobriu grande parte das bocas de minas;

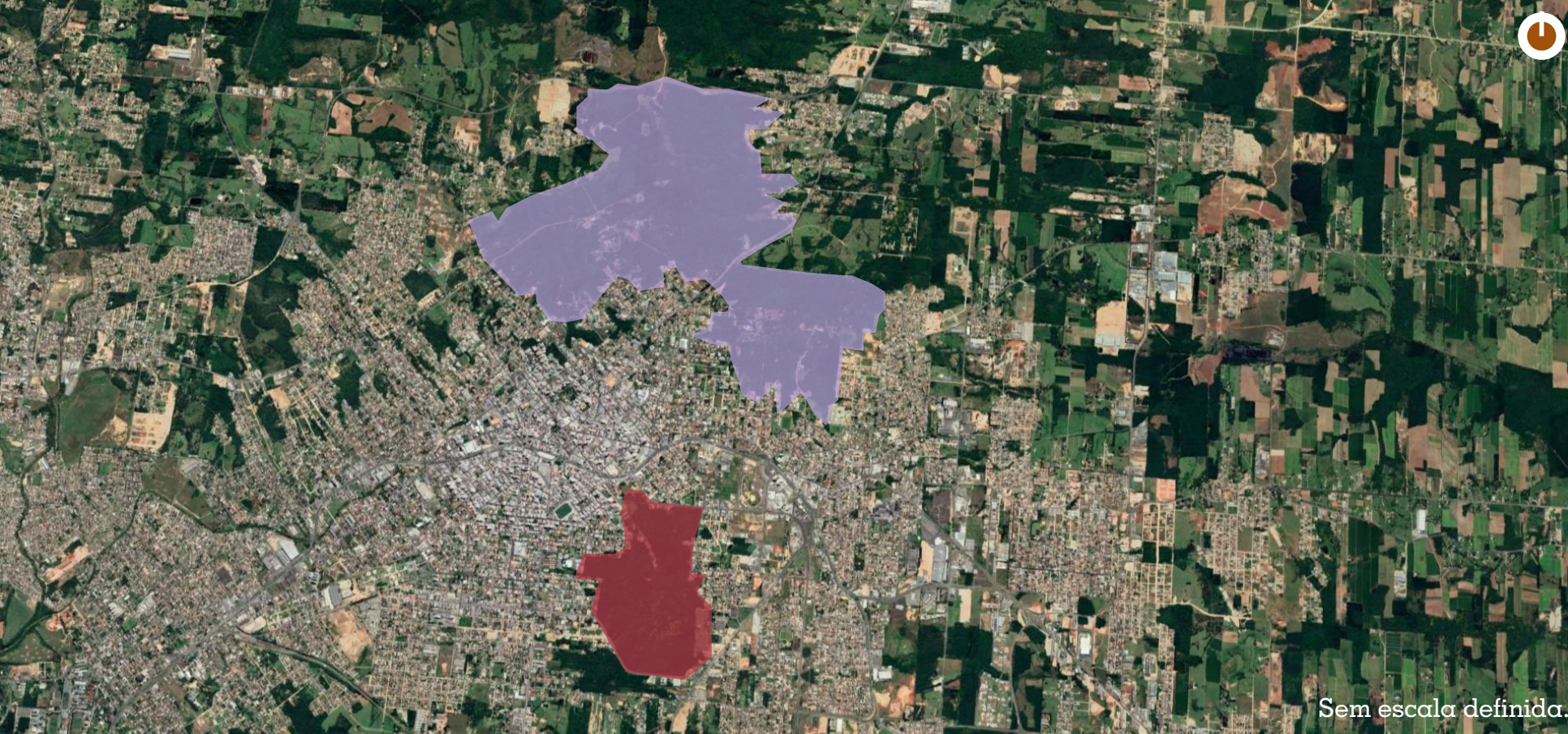
O corredor verde da APA do Morro Cechinel abriga mais de 80 espécies de aves confirmadas e uma dúzia de espécies de mamíferos confirmados.

MORRO DO CÉU

Zona de Mata Atlântica com 85.5 hectares que abrigam mais de 100 espécies de aves, 6 de mamíferos silvestres e 151 espécies de flora;

Criado em 2008 para a preservação do meio ambiente, o Parque Natural Municipal do Morro do Céu é instalado em um terreno cujo 30% da área pertence ao município. O restante, é dividido entre 25 proprietários, que buscam a indenização de seus terrenos. Atualmente, por conta de negligência e dificuldade de fiscalização, está correndo o risco de não ser mais uma área de preservação;

Por conta do abandono, muitas pessoas invadem o Parque, seja para fazer uma fogueira, jogar lixo, pegar plantas ou outras atividades impróprias.



A princípio, as duas áreas foram consideradas por estarem em espaços urbanos porém com aproximação à natureza. O Morro do Céu seria uma área interessante para a implantação do Museu da Paisagem de Criciúma, porém devido à topografia, o Morro Cechinel foi o escolhido. Como o próprio nome do museu já diz, o enfoque será na paisagem, e o ponto mais elevado da cidade permite uma visão privilegiada, que foi o ponto decisivo para a escolha do recorte.

LEGENDA:

- Morro Cechinel
- Morro do Céu

Figura 34.

Fonte: Google Earth (modificado pela autora).

Acesso em: 11 de jun. 2021.

Pelo fato de o Morro Cechinel, estar em uma APA (Área de Proteção Ambiental), é de extrema importância que o zoneamento seja analisado para viabilidade do projeto.

Figura 35.

Fonte: Plano de Manejo APA Morro Cechinel.

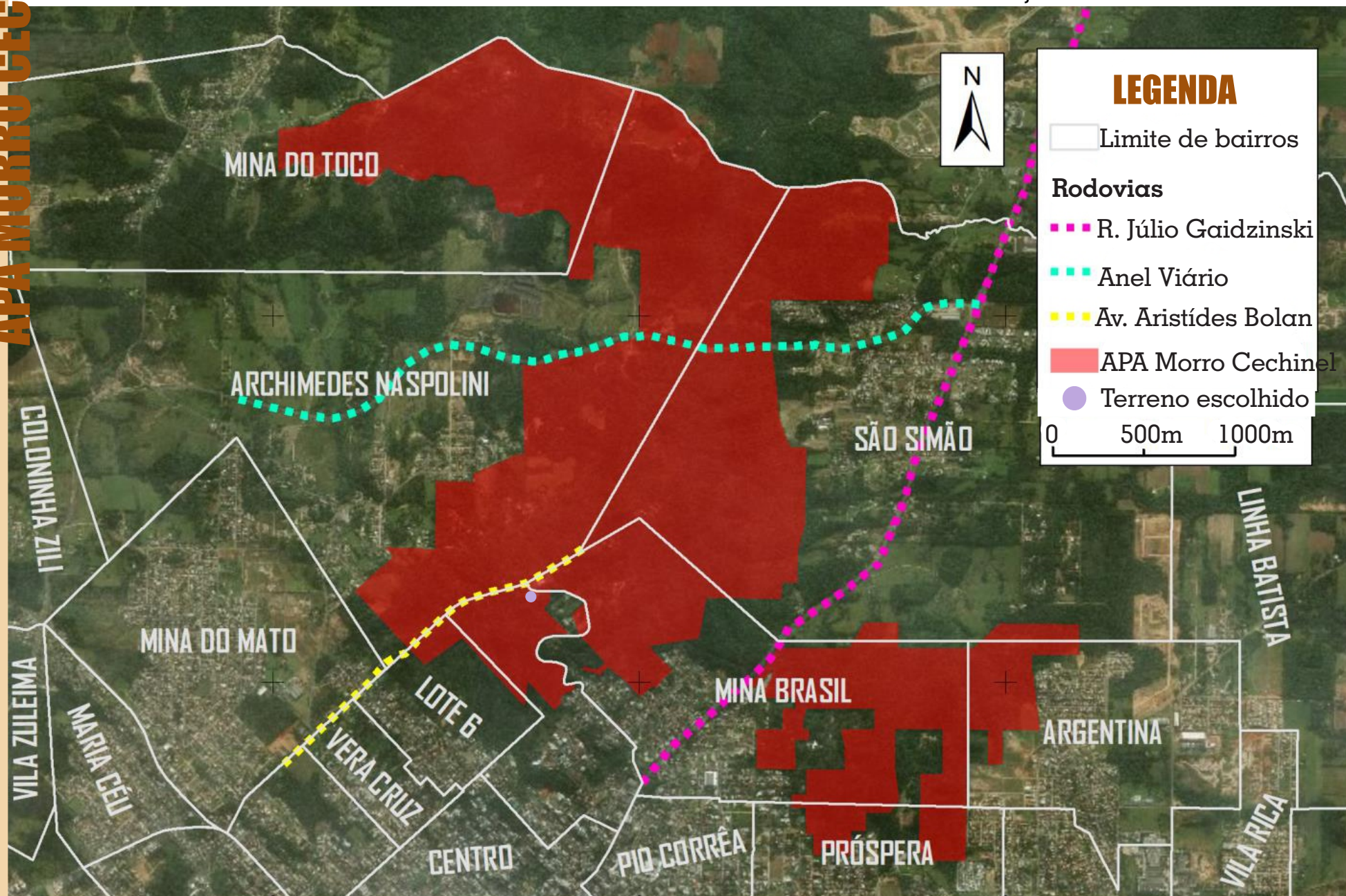
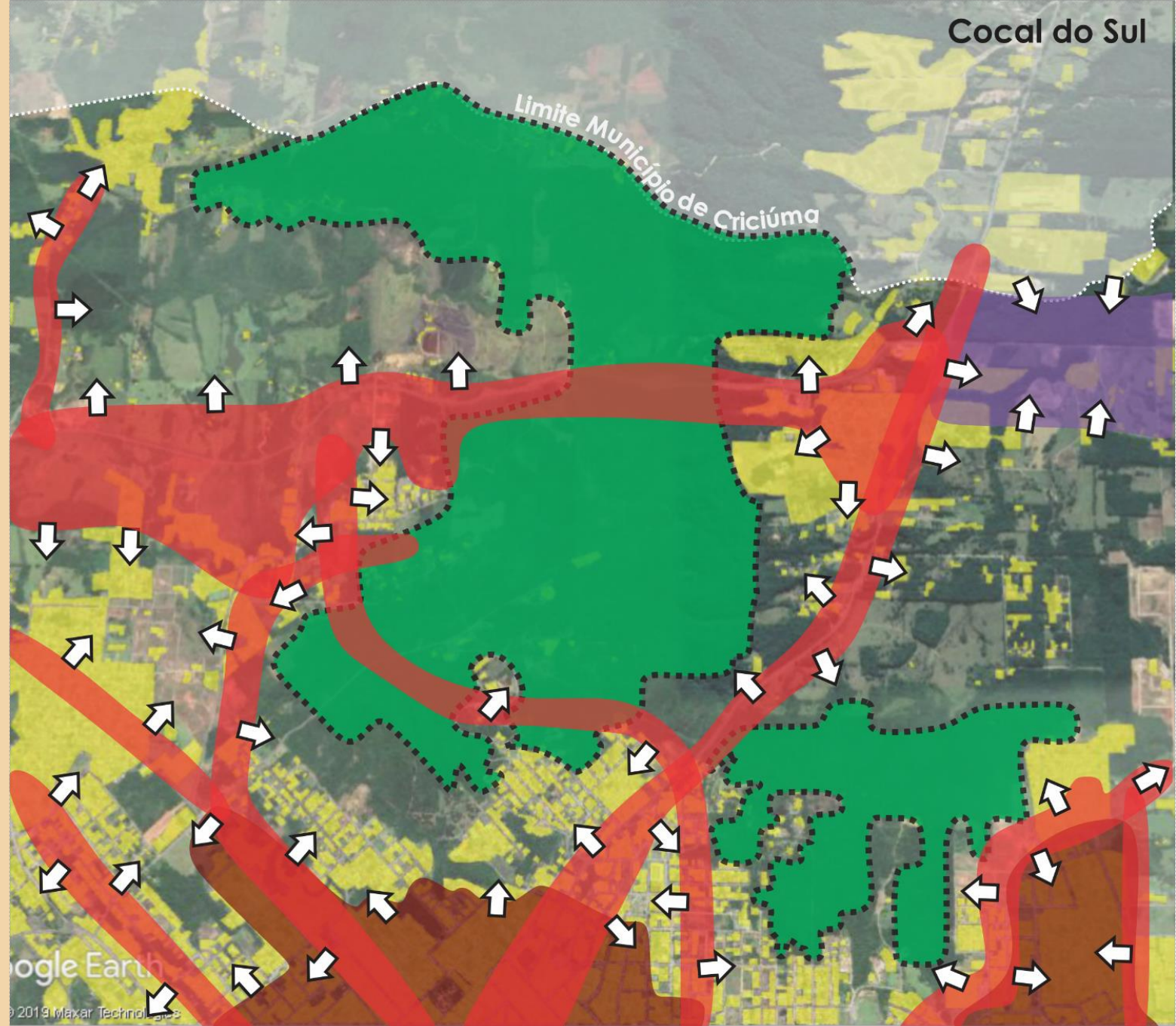


Figura 36.



Fonte: Plano de Manejo APA Morro Cechinel.



Cocal do Sul



O mapa ao lado representa as tendências de crescimento no Morro Cechinel e entorno imediato. As áreas da APA tendem a sofrer maior pressão dos setores imobiliários e industriais nas áreas próximas as rodovias de maior fluxo, e também pelo fato de serem consideradas privilegiadas áreas residenciais próximas as áreas verdes.



LEGENDA

-  APA Morro Cechinel
-  Mancha Urbana Atual

-  Tendência Adensamento Uso Misto - verticalização
-  Intensificação da Ocupação Adensamento - Residencial

-  Tendência Ocupação Uso Industrial
-  Vetores de crescimento

Mesmo com as controvérsias de construir em uma APA, o projeto de um museu levará vitalidade para a região, que sem isso, pode cair no esquecimento da população. Além disso, será incentivado o uso do Museu para oficinas e aulas de Educação Ambiental, o que é muito importante para que a fauna e a flora do Morro Cechinel e também do município como um todo sejam conhecidas e, como consequência, preservadas.

Após visitas ao local, foi escolhido um terreno que unisse todas as características consideradas essenciais para o projeto. O lote em questão fica localizado na Rua Honório Búrigo, próximo à Avenida Aristides Bolan. Existe uma edificação no local que já passou por diversos usos, e atualmente funciona um restaurante. Por ser um local privilegiado pelo fato de estar dentro de uma APA, entendemos que o uso tenha que ser público, para que a população se beneficie. Porém, vale salientar que não será desmatada nenhuma área para a realização do projeto, pelo contrário, permitirá o avanço regenerador da natureza que ocupará os vazios intencionalmente deixados.

Outro ponto levado em consideração será o tratamento de água e esgoto, uma vez que a edificação está em uma área de preservação. Serão utilizados os conceitos da arquitetura verde para o projeto.

O terreno está em uma Zona de Conservação da Biodiversidade, dentro da APA do Morro Cechinel, e deve seguir os seguintes parâmetros (segundo o Plano Diretor do município):

$$IA = 0,10 \alpha 0,25$$

$$TO = 10\% \alpha -$$

$$TI = 90\% \alpha -$$

$$\text{Recuo frontal} = 15\text{m}$$

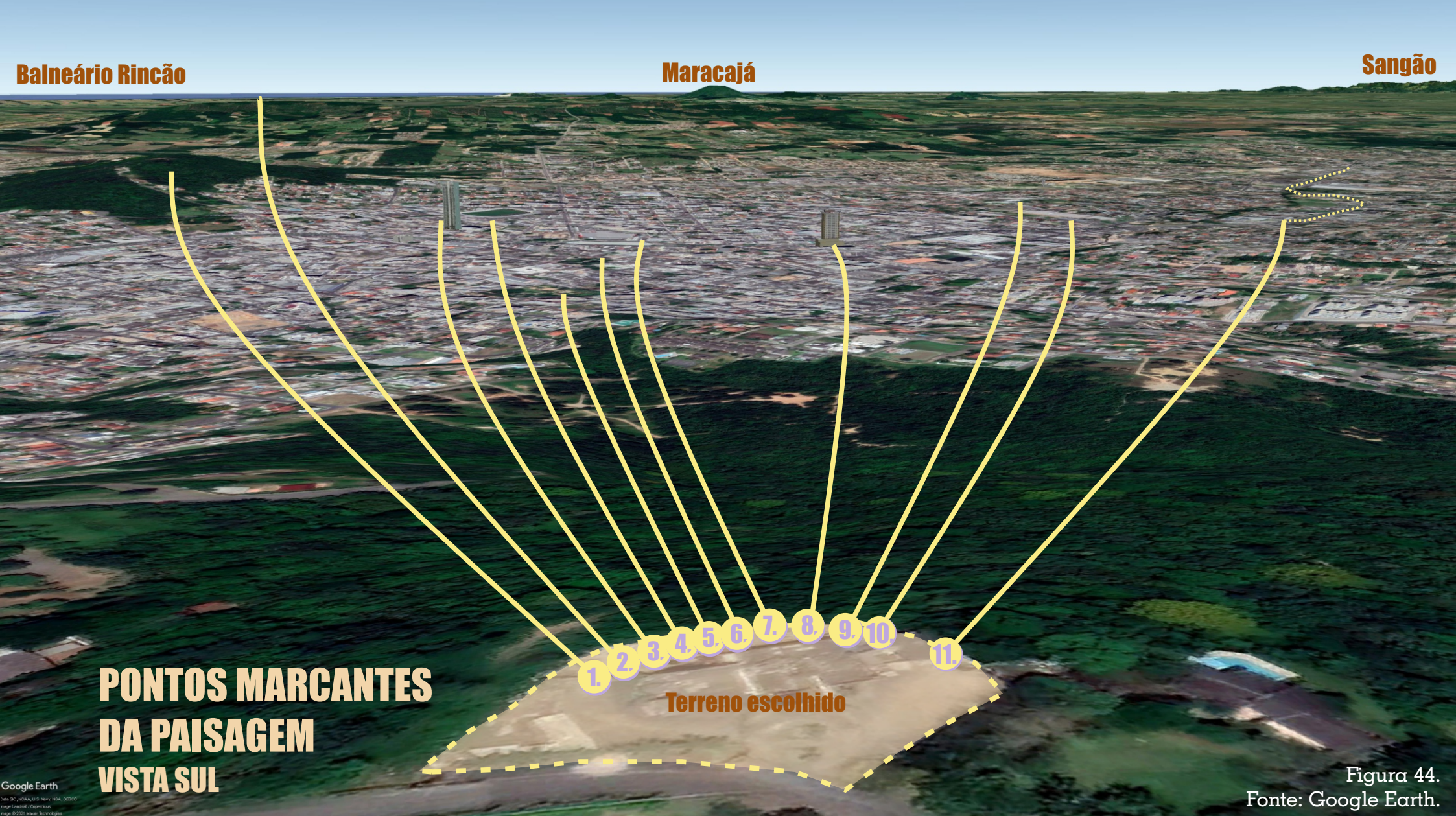
$$\text{Afastamento} = h/4 > 1,5$$

$$\text{Área lote} = 3066,29 \text{ m}^2$$

As imagens abaixo foram tiradas no dia da visita, e mostram pontos marcantes da paisagem de Criciúma, como por exemplo o Morro do Céu, o Edifício Lucio Cavaler, o Edifício Metropolitan, o supermercado Bistek, o terminal Central, a descida da Rua Hercílio Luz, entre outros.

Figuras 38 a 43.
Fonte: Acervo pessoal.





PONTOS MARCANTES DA PAISAGEM VISTA SUL

Terreno escolhido

1. Morro do Céu
2. Oceano Atlântico
3. Edifício Lucio Cavaler
4. Estádio Heriberto Hulse
5. Praça do Congresso
6. Praça Nereu Ramos e Catedral São José

7. Terminal Central
8. Antigo Crisul Hotel
9. Paróquia Santa Bárbara
10. Supermercado Giassi
11. Ponto da Av. Centenário que forma uma espécie de "raio"

Figura 44.
Fonte: Google Earth.

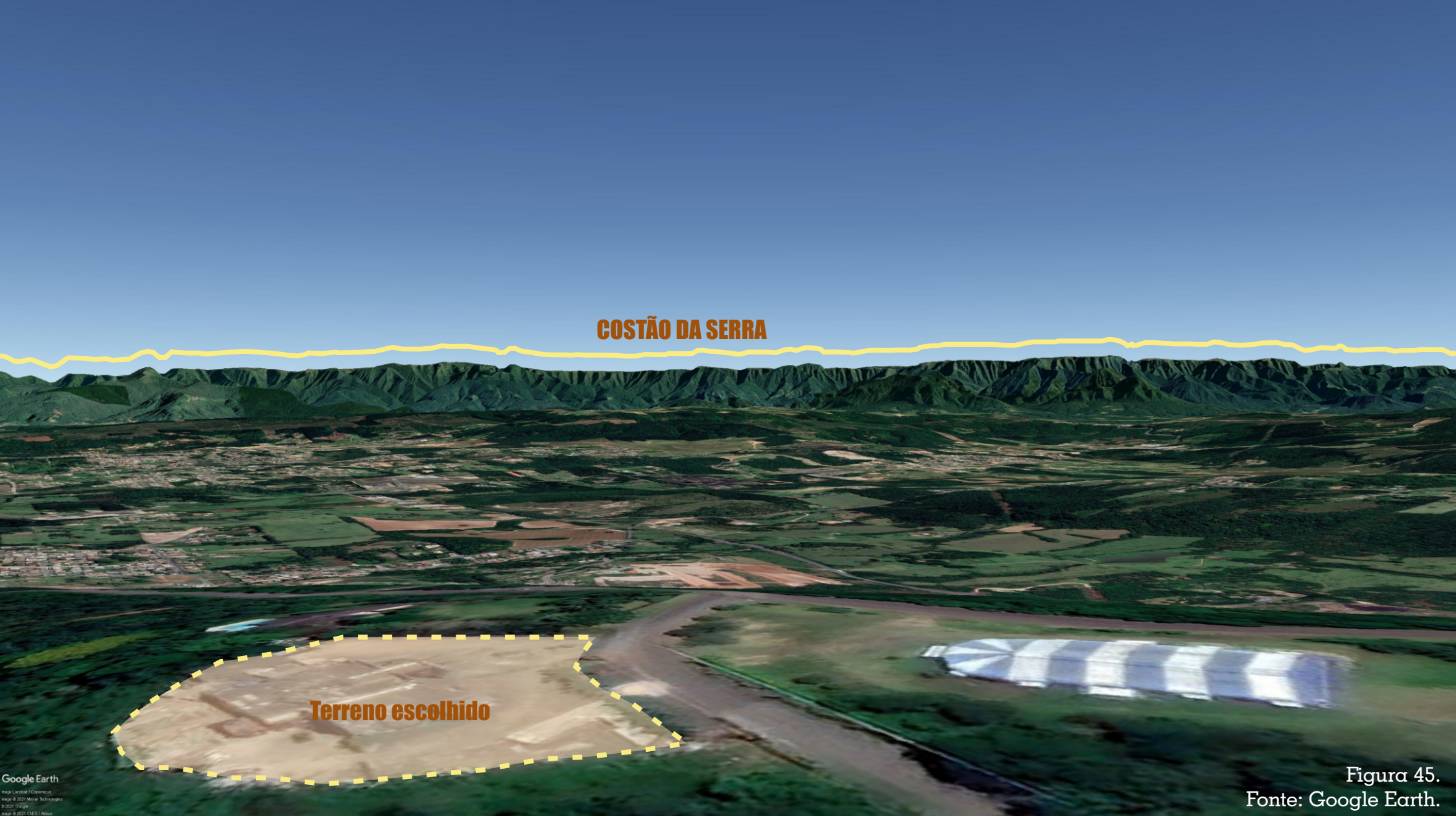


Figura 45.
Fonte: Google Earth.

**PONTOS MARCANTES
DA PAISAGEM
VISTA NOROESTE**

Dentro do raio de 1km, temos os seguintes equipamentos:

1. Radio Atlântida FM / NCS TV;
2. Vila Olímpica;
3. Centro de Convivência da Terceira Idade;
4. Hospital São João Batista;
5. Capela São João Batista;
6. Salão de Festas Mina Brasil;
7. Mina Modelo Octávio Fontana;
8. Comércio Local;
9. Centro Comunitário Maria Zanette em construção);
10. Quadra de esportes;
11. Capela São Francisco de Assis;
12. Escolas (Lote 6 e Mina Brasil);



Figura 46. Fonte: Wikiwand.

Figura 49. Fonte: Carneiro Arquitetos Associados.

Figuras: 47, 48, 50 a 57. Fonte: Google Earth.

4.



7.



10.



5.



8.



11.



6.



9.



12.



Projeto: Novo Museu Arqueológico do Chipre

Arquitetos: Kalliope Kontozoglou Arquitetos;

Data: 2017;

Local: Nicósia, Chipre;

Status do projeto: Projeto em concurso;

Contratante: Departamento de Trabalhos Públicos do Chipre.

“Observando o passado, podemos melhor compreender quem somos e de onde viemos ... A arqueologia nos mostra que a história e a cultura de um povo estão intimamente ligadas ao seu local de origem.”

(Kalliope Kontozoglou)

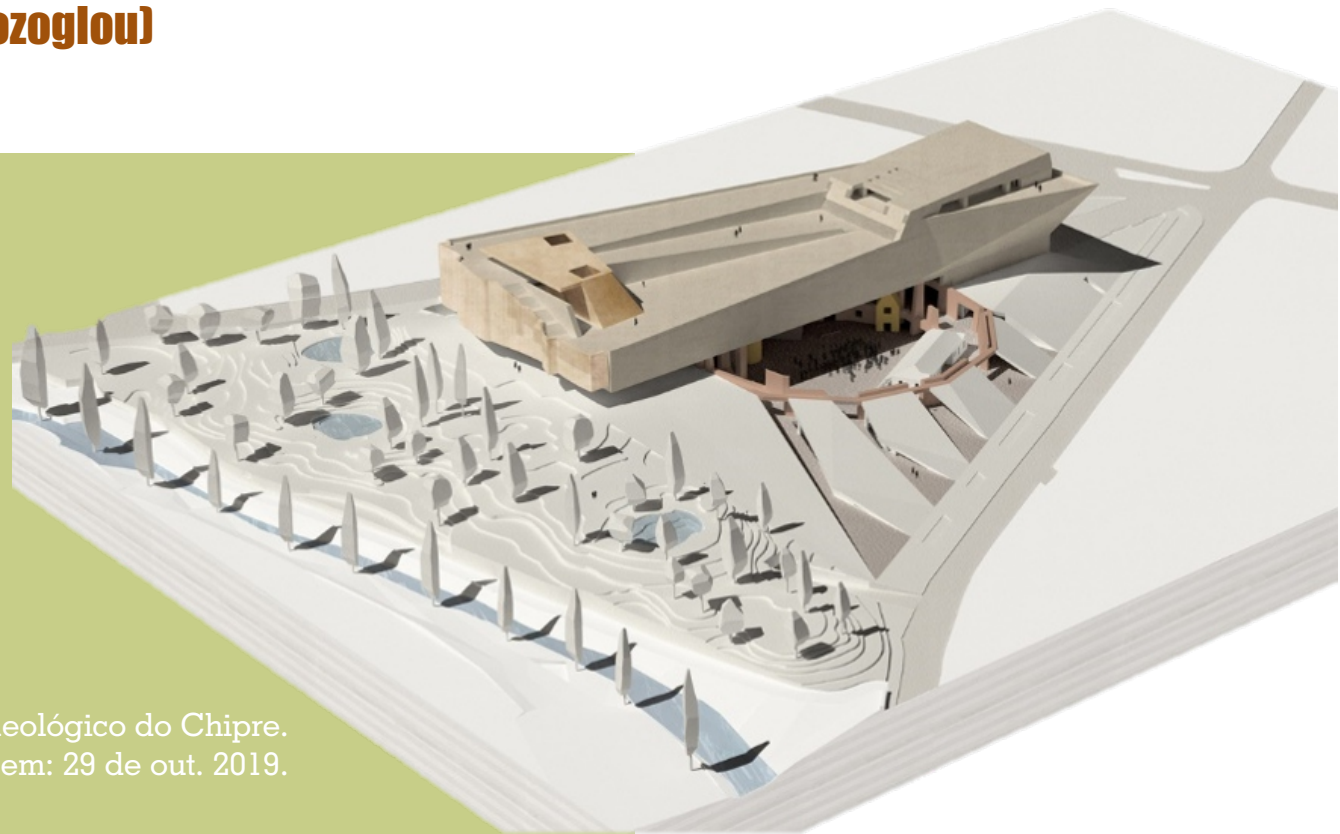


Figura 58 – Maquete Museu Arqueológico do Chipre.
Fonte: Archdaily. Acesso em: 29 de out. 2019.

Projeto de Kalliope Kontozoglou Arquitetos, buscaram referência em uma escultura de esfinge, originalmente encontrada no Chipre e que atualmente está exposta no Museu do Louvre. A proposta foi apresentada no Concurso Internacional de Arquitetura para o novo Museu Arqueológico do Chipre.

Os arquitetos propuseram um museu "multidimensional", que procura se adaptar a topografia de Nicósia, fundindo com o tecido urbano da cidade. Os espaços públicos se entrelaçam com as áreas expositivas do museu, construindo uma sequência de paisagens, chamadas "paisagens narrativas". Forma-se um diálogo direto entre os visitantes, a paisagem e a herança cultural de Chipre.

A partir da praça frontal e através de uma rampa de acesso, os visitantes chegam a um jardim barroco e um terraço sobre pilotis, iniciando o percurso de descobertas arqueológicas. Por esse espaço central, é possível percorrer as ruínas arqueológicas que estão em processo de escavação, assim como exposições temporárias e uma "arena". Os espaços abertos do museu se conectam com o tecido urbano da cidade através dos chamando "tentáculos paisagísticos", que seriam uma série de rampas que dão acesso aos jardins e ao rio.



Figura 59 a 62 – Museu Arqueológico do Chipre.
Fonte: Archdaily. Acesso em: 29 de out. 2019.

A entrada do museu é marcada pelo “olho da Esfinge”, que é um grande átrio vertical caracterizado por relevos entalhados nas paredes. Os espaços de apoio, como as bilheterias e as lojas de souvenirs, se abrem diretamente para esse espaço, direcionando os visitantes em direção à galeria de exposições temporárias e ao café, ambos localizados em pequenas estruturas secundárias.

No foyer principal, os visitantes são direcionados às galerias de exposições permanentes por escadas rolantes, que juntam-se em um amplo terraço expositivo de três níveis, conectados entre si por rampas. Esses terraços ou jardins suspensos, estão conectados à um pavilhão na cobertura aonde acontecem mais algumas exposições de artefatos diversos, formando um jardim arqueológico.

No final desse percurso, toda a história arqueológica do Chipre é resumida em uma narrativa espacial instalada em meio a arena. Ao redor da arena encontram-se a biblioteca, o Instituto de Antiguidades e a Sala de Conferências, organizadas em uma sequência em formato de leque. Na fachada sul, estão localizados o centro de pesquisa e um novo túnel que foi construído para conectar o edifício às antigas instalações do museu arqueológico.



Figura 63 – Corte representando o Museu Arqueológico do Chipre.
Fonte: Archdaily. Acesso em: 29 de out. 2019.

**“Um museu pode revelar uma cidade para mundo.”
(Álvaro Siza)**

Projeto: Fundação Iberê Camargo;
Arquitetos: Álvaro Siza;
Data: 2003;
Local: Porto Alegre, Brasil;
Tipo de projeto: Cultural;

Figura 64 – Fundação Iberê Camargo.
Fonte: Archdaily. Acesso em: 02 de jul. 2021.



O edifício foi criado para abrigar as obras do pintor brasileiro que dá nome à Fundação, Iberê Camargo. Localizado em Porto Alegre, às margens do Lago Guaíba, foi projetado por um dos arquitetos mais prestigiados do mundo, Álvaro Siza, tornando-se uma referência internacional em Arquitetura Contemporânea.

Consiste em uma plataforma retangular, que contém o estacionamento, sobre o qual Siza verticaliza um volume irregular de concreto branco. Parte das circulações são rampas como braços que se separam do corpo principal, marcando a fachada do edifício. As salas de exposições, ateliês, biblioteca e auditório fazem parte do programa que circundam o átrio central.

Tanto no seu exterior, como internamente, a obra se destaca por seu contraste entre curvas e retas, com corredores e rampas, simetria e assimetria, criando um diálogo entre a arte e a natureza.

A obra vai muito além dos seus limites. A preocupação com o fator ambiental foi um dos desafios que enfrentou Siza na elaboração do projeto. Verticalizado sobre um terreno estreito, entre águas e pedras, o arquiteto soube aproveitar o espaço, preservando a natureza imediata, e adota sistemas estruturais inovadores para garantir a preservação do meio ambiente.

A fachada principal, com sua característica contrastante entre linhas retas e curvas, foi um dos pontos em que o projeto foi usado como referencial arquitetônico. O uso do concreto branco como materialidade foi outro ponto importante, uma vez que essa cor foi atingida com a mistura de pedras brancas do rio vizinho, trazendo uma aproximação com o local de implantação.

Além da questão arquitetônica, o programa da Fundação foi usado como uma maneira de direcionar o caminho em que o Museu da Paisagem poderia seguir. A mesma tem como objetivo expandir sua atuação nas artes de forma a desenvolver uma programação mais diversificada, abrangente e democrática, a partir de um conjunto de programas públicos que busca dialogar com os variados campos do conhecimento, da filosofia à antropologia, da psicanálise à ciência política, entre tantas outras disciplinas.



Figura 65. Fonte: Fundação Iberê. Acesso em: 02 de jul. 2021.

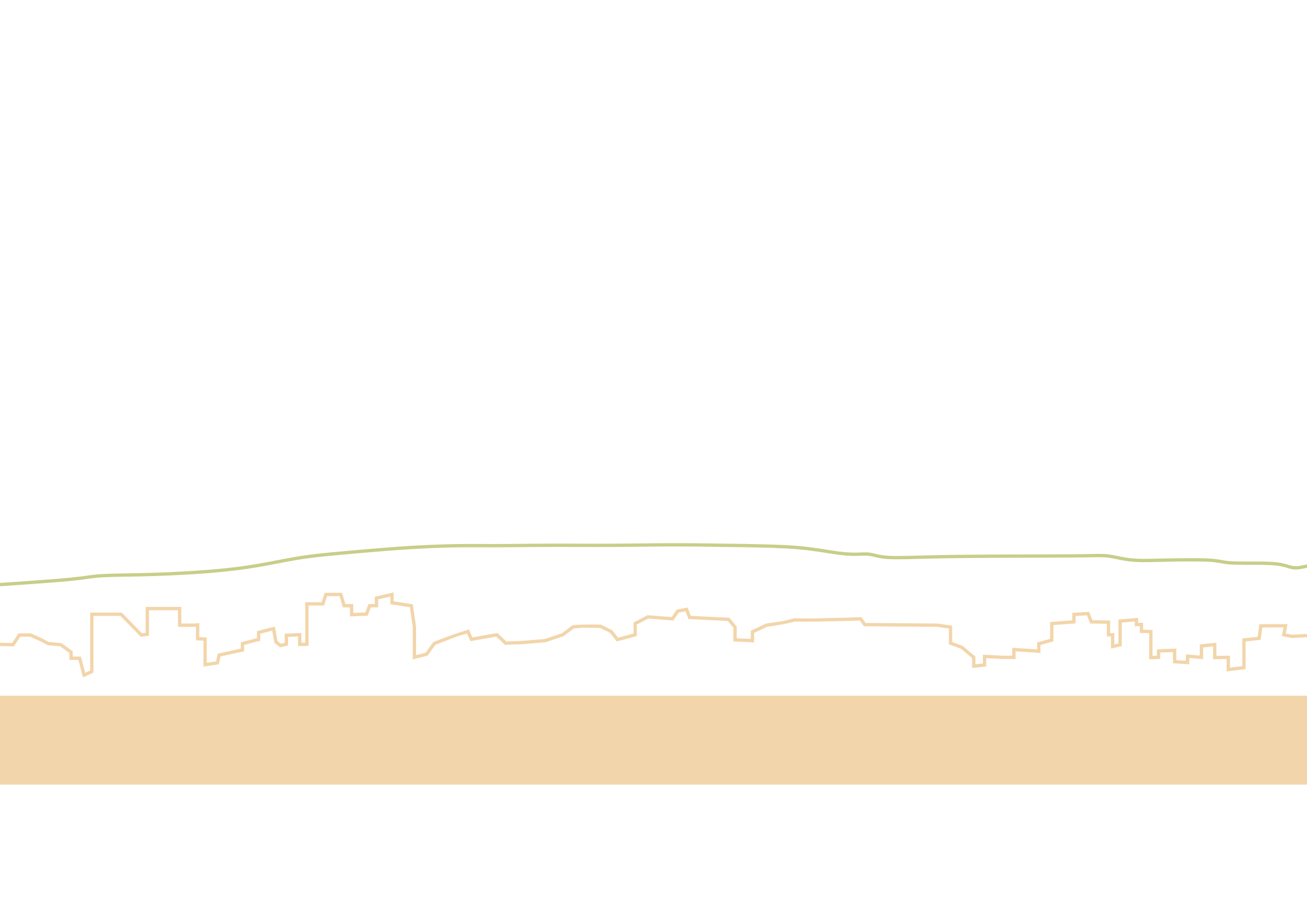
Figura 66. Fonte: Archdaily. Acesso em: 02 de jul. 2021.

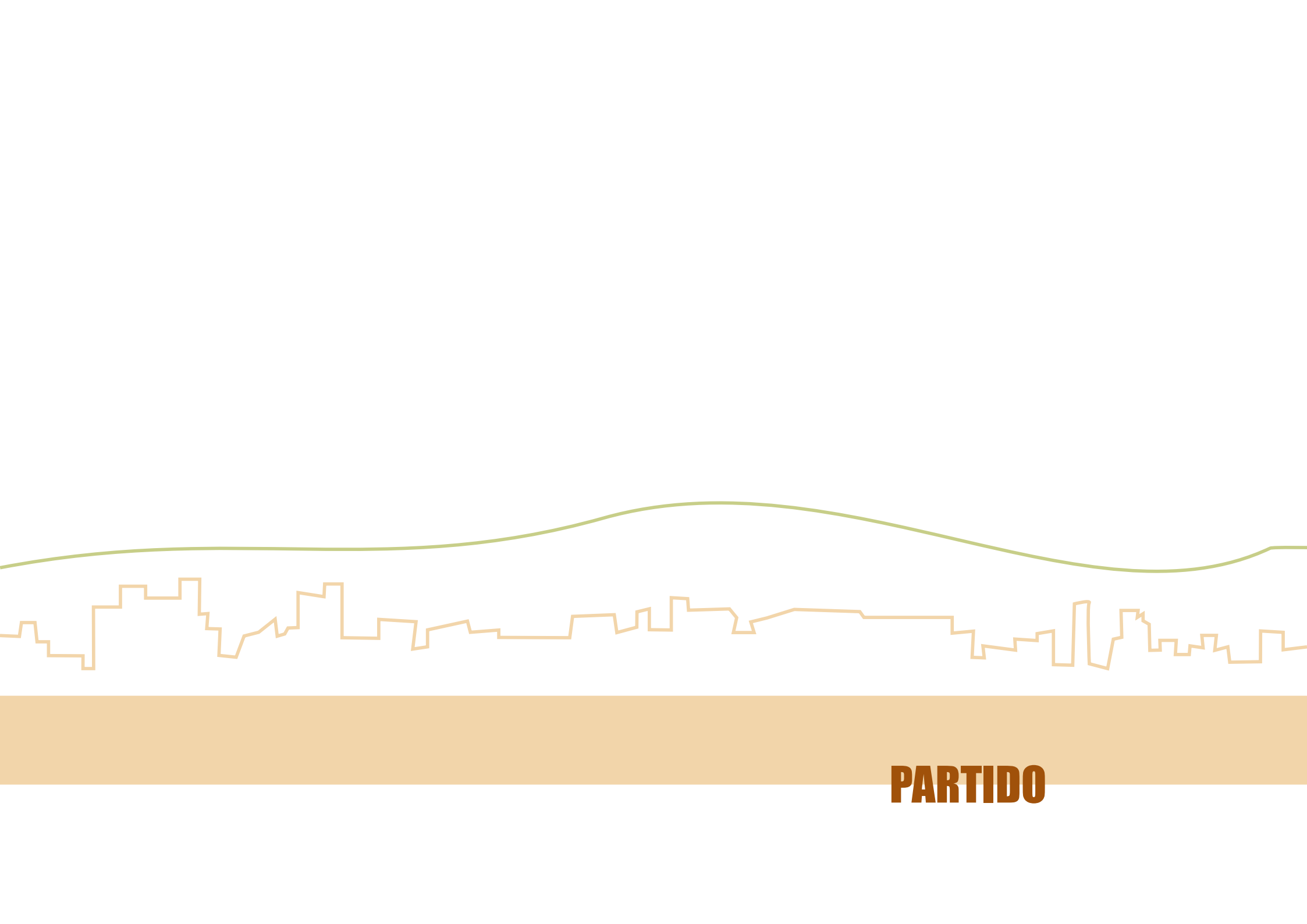


A cada ano, são organizadas exposições, seminários, encontros com artistas e curadores, cursos, oficinas, entre outras atividades, que versam sobre a obra de Iberê Camargo e sobre temas ligados à arte moderna e contemporânea, articulando, além das artes visuais, as demais manifestações artísticas – como o cinema, a música, a arquitetura, o teatro e a literatura.

O prédio, criado para abrigar o acervo e todas as demais atividades, possui salas expositivas, átrio, reserva técnica, centro de documentação e pesquisa, ateliê de gravura, ateliê do programa educativo, auditório, loja, cafeteria, estacionamento e parque ambiental projetado pela Fundação Gaia.

Mesmo não sendo o tema da Fundação, criaram-se aberturas voltadas para pontos estratégicos da paisagem urbana, formando um espécie de molduras para obras de artes em uma galeria.





PARTIDO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Paisagem: "Conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar."

Cidade: "A vida urbana."

Museu: "Instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico etc."

Memória: "Reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente."

A identidade de um edifício deve-se ao caráter de recomposição do lugar, tornando-se referência no contexto onde está inserido.

Os critérios adotados que nortearam o partido do projeto, levando em consideração as condicionantes programáticas, urbanísticas e topográficas, serão apresentados a seguir.

SÍNTESE DO PROJETO

O QUE É?

A intervenção proposta consiste na implantação de um museu com a temática principal sendo a paisagem da cidade de Criciúma.

O QUE POSSUI?

A edificação terá como principal atrativo a exposição permanente, mas também contará com uma biblioteca, espaço para exposições temporárias, café, loja, terraço com vista para a cidade, espaços de descanso, salas de aula/oficinas e uma conexão com o Mirante (projeto da Prefeitura Municipal de Criciúma).

QUAIS OS USUÁRIOS?

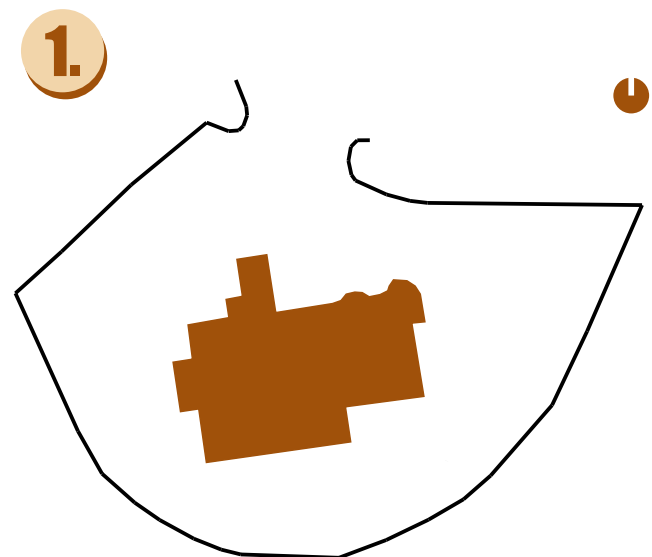
Pretende atingir a população de Criciúma e região, contemplando todas as faixas etárias.

O lote possui uma edificação existente, que atualmente funciona um restaurante. Parte do lote é utilizado como estacionamento do restaurante e nos fundos, onde a vista para a cidade é privilegiada, tem um parquinho infantil exclusivo para os clientes.

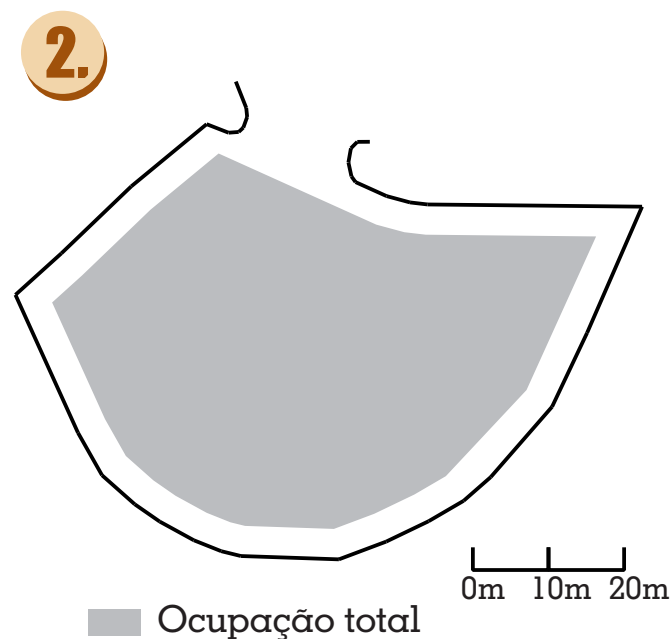
Para o projeto, foi desconsiderado a construção existente, tendo em vista que a mesma não valoriza o terreno e suas potencialidades. Além disso, no local já funcionou também uma casa noturna e uma igreja, todos com um programa de necessidades muito diferentes de um museu.

O primeiro passo foi seguir a forma do lote, com um afastamento de 4 metros, resultando numa alta taxa de ocupação, o que não é o objetivo. Porém, com isso ficou evidente a forma curva de um dos lados do terreno, o que foi utilizado como partido para a implantação.

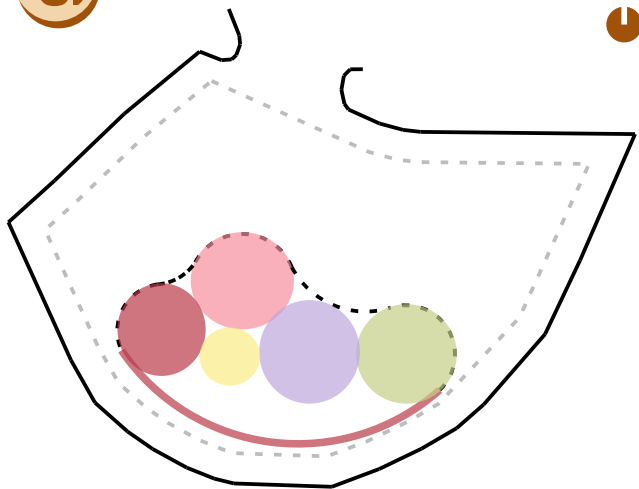
A curva, além de tornar panorâmica a vista para a cidade, remete ao orgânico, que podemos relacionar com a paisagem natural.



Edificação existente



3.

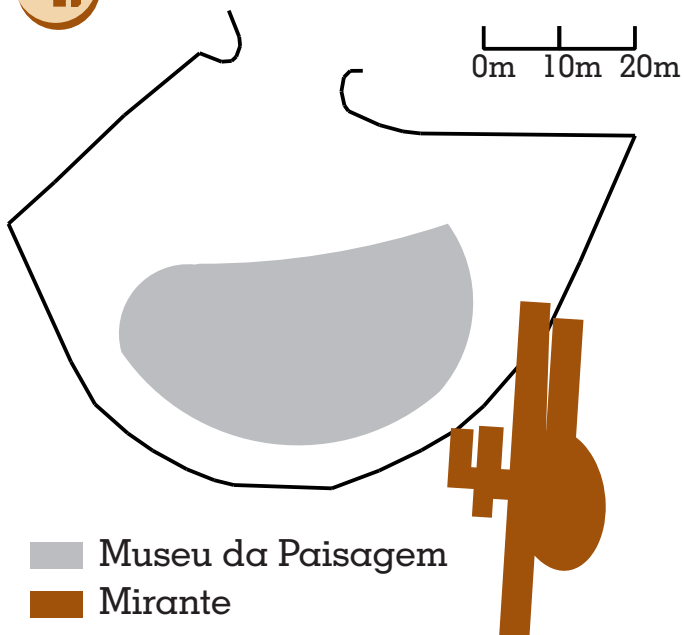


Mantendo a forma curva, foi pensado nos setores que o Museu terá. Para isso, foram adicionadas manchas que abrigariam cada um desses setores: Recepção, Exposição, Setor educacional, Setor administrativo e Setor de apoio. Como a curva trouxe a característica orgânica, a disposição inicial dos setores seguiu esse princípio.

LEGENDA:

- Recepção
- Exposição
- Setor educacional
- Setor administrativo
- Setor de apoio

4.

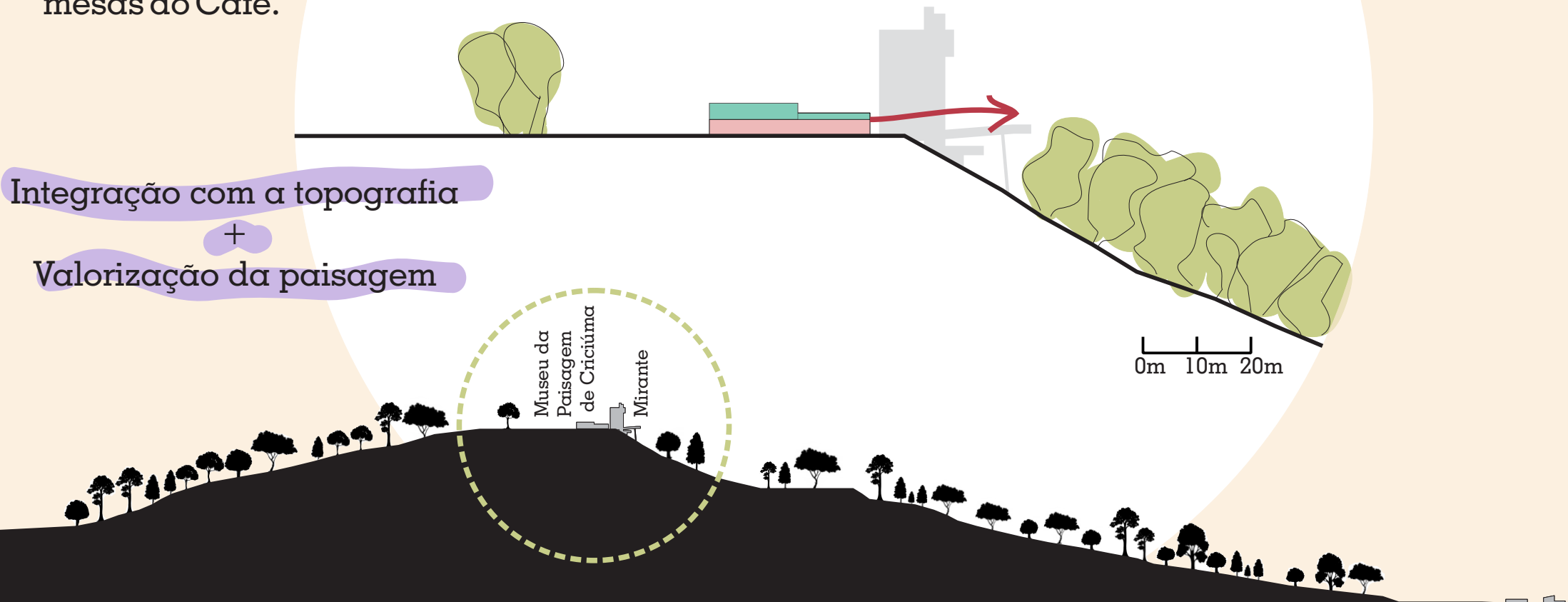


Após a pré definição dos setores, foi analisado as possibilidades até que chegasse no formato final. Na fachada norte, onde será o acesso principal, foi criado uma linha levemente curva, que acompanhasse o lado oposto mas que não tivesse isso como característica principal. Na fachada leste, foi pensado em uma conexão com o Mirante, projeto existente na Prefeitura de Criciúma. A fachada oeste foi pensada para abranger o máximo possível da vista da cidade, dando uma continuidade da linha curva até a junção com a fachada principal.

CORTE ESQUEMÁTICO

Contando com o Mirante ao lado do museu, que possui a função de observação panorâmica de Criciúma, o projeto não buscou atingir grandes alturas para se beneficiar exclusivamente da vista. Claro que ela foi um ponto primordial, porém mudando o enfoque.

Sendo assim, a fachada Sul terá parte da exposição permanente, criando aberturas na arquitetura para que o espectador tenha surpresas conforme faz o percurso. Além disso, no segundo pavimento, terá um terraço com espaço de convívio, contemplação e também com mesas do Café.



PROGRAMA DE NECESSIDADES

2 PAVIMENTO

CAFÉ

Cozinha
Salão de meses
Sanitários

EXPOSIÇÃO

Exposição temporária

APOIO

Sanitários

EDUCACIONAL

Salas de aula
Oficinas
Midioteca

TERRAÇO

Área de descanso
Contemplação

TÉRREO

RECEPÇÃO

Acesso principal
Bilheteria
Loja
Guarda-volumes

EXPOSIÇÃO

Exposição permanente

EDUCACIONAL

Biblioteca

ADMINISTRATIVO

Administração
Direção
Copa

APOIO

Depósitos/acervo
Sanitários

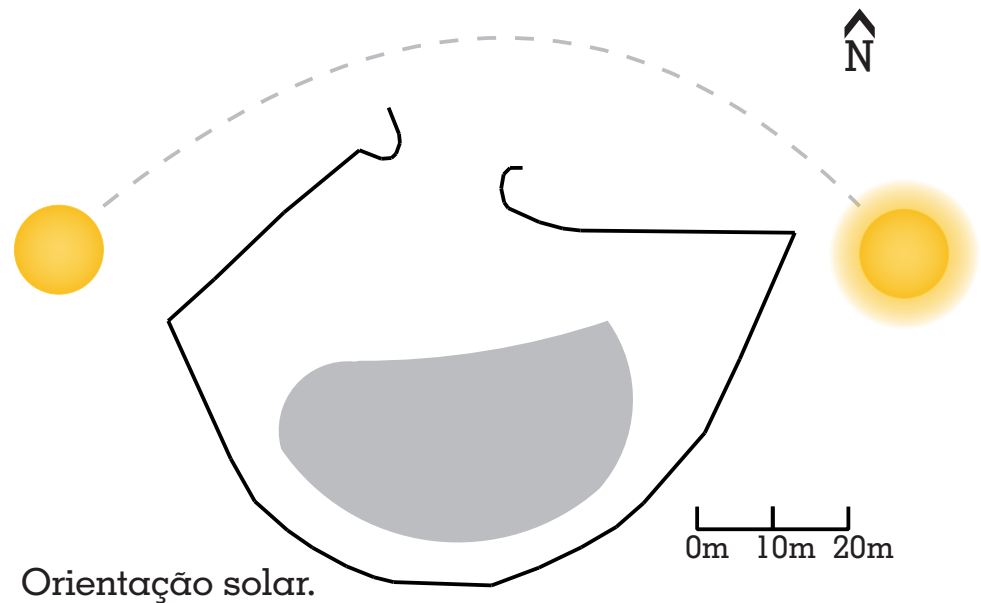
Praça Nereu
Ramos

Terminal
Central

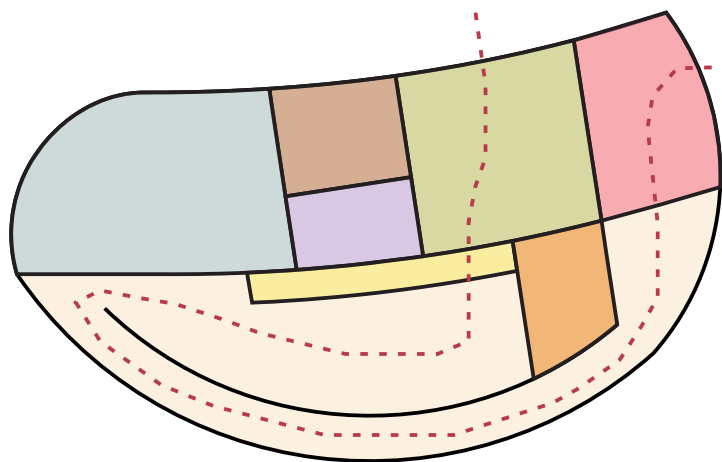
Bistek

As faces arredondadas fazem com que a incidência solar seja mais uniforme, sem acúmulos de calor nas superfícies.

Seguindo os princípios dos novos museus, as circulações internas serão pensadas de forma que o percurso seja dinâmico e estimulante. Outro ponto importante é a inserção na paisagem urbana, que se relaciona com o tema do museu e deverá ser seguido no projeto arquitetônico de forma que se mescle com o existente.

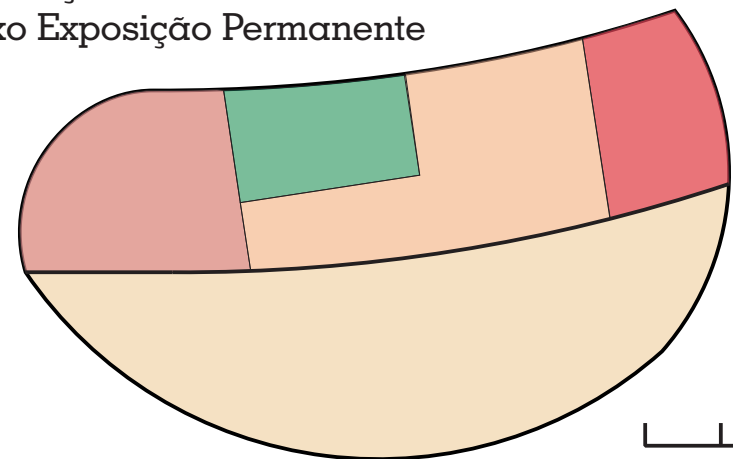


- | | | |
|-----------------|--------------------------------------|----------------------|
| Recepção | Exposição permanente | Exposição temporária |
| Administração | Café | Terraço |
| Biblioteca | Sala de Aula/Oficinas | Midioteca |
| Loja | Área total = 1.976,00 m ² | |
| Acervo/Depósito | | |
| Sanitários | | |
| Circulação | | |



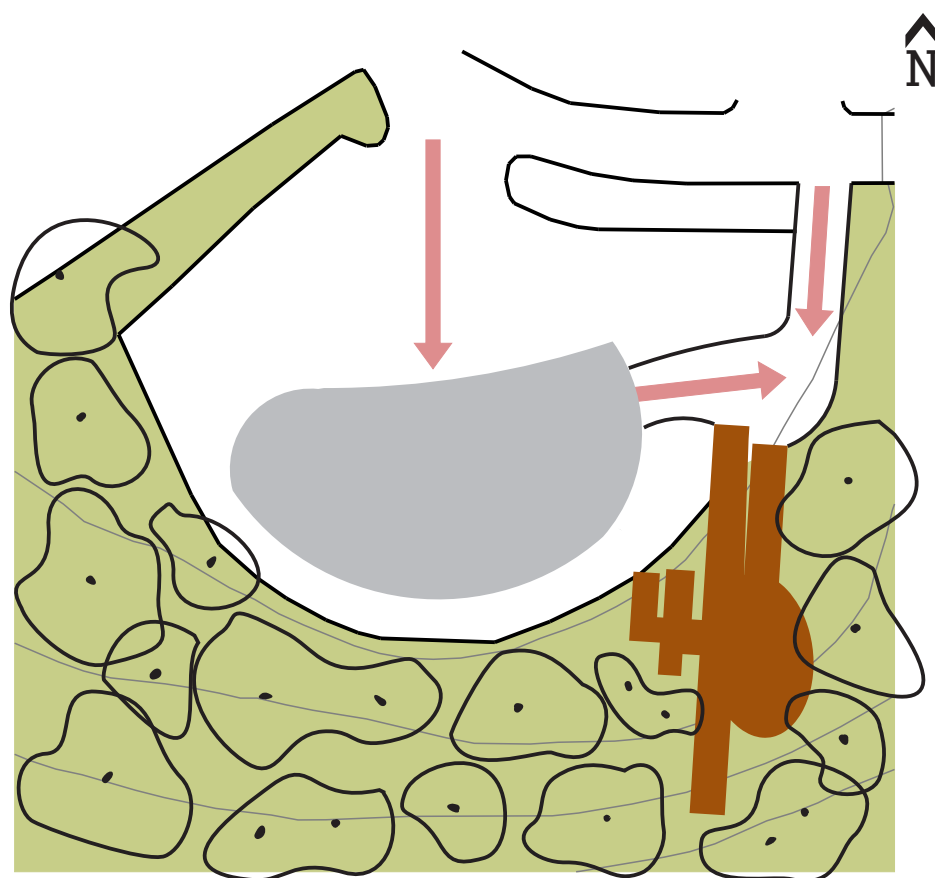
Térreo.

Fluxo Exposição Permanente



Primeiro pavimento.

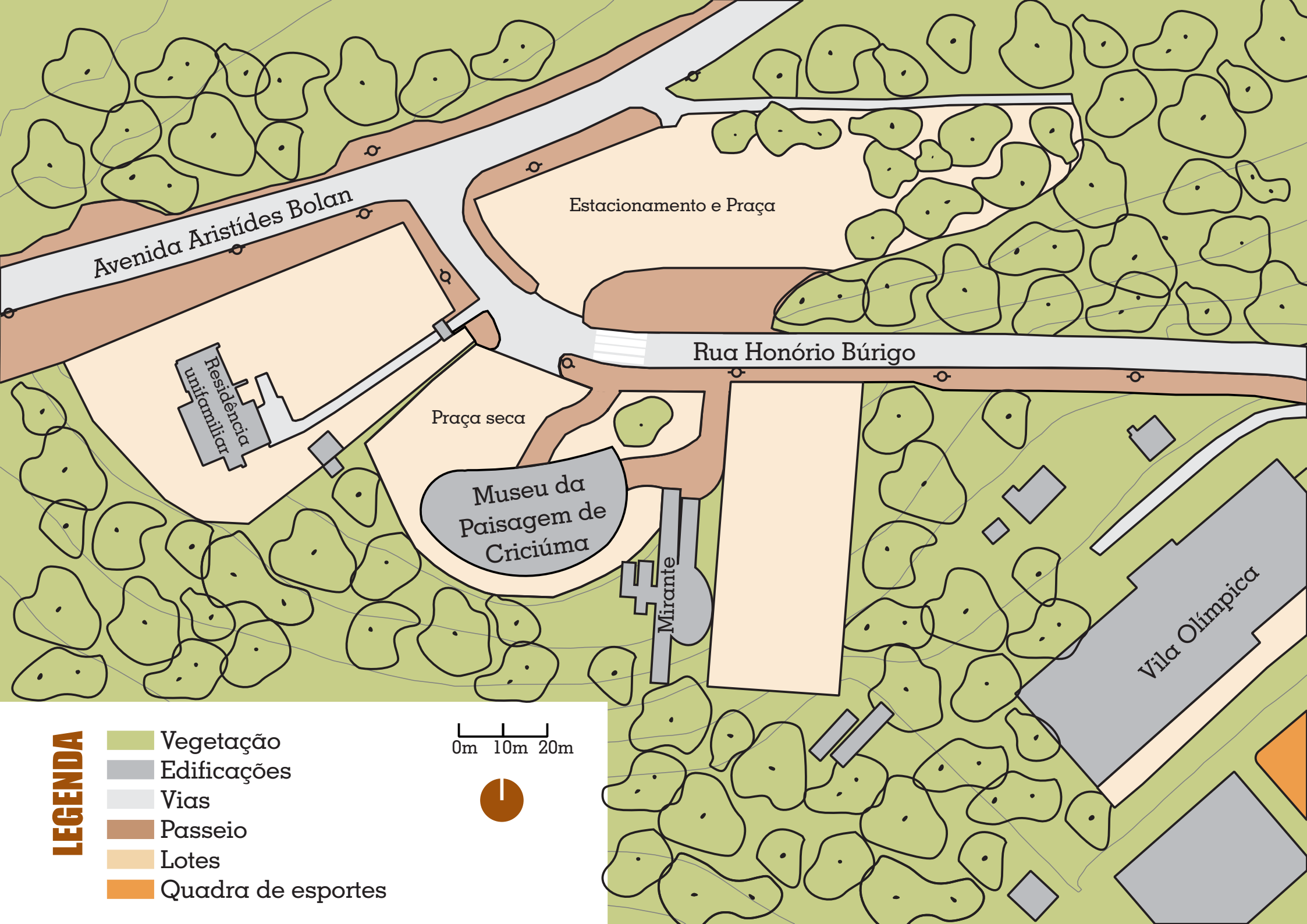
0m 5m 10m



0m 10m 20m

Como se trata de um espaço público composto por dois projetos independentes, o Museu e o Mirante, que se complementam, o espaço destinado ao estacionamento vai ocupar um terreno no outro lado da rua, mais plano, e que pretende-se desenvolver um projeto paisagístico para ele.

Assim, o acesso principal se dá pela Rua Honório Búrgio, que contará com uma travessa especial para a segurança do pedestre. No Museu, o acesso será único, como forma de direcionar o usuário. Porém, a loja que encontra-se no final da exposição, terá um caminho de ligação com o Mirante, para que quando terminem de visitar o Museu, possam desfrutar do outro equipamento.



LEGENDA

- Vegetação
- Edificações
- Vias
- Passeio
- Lotes
- Quadra de esportes

0m 10m 20m

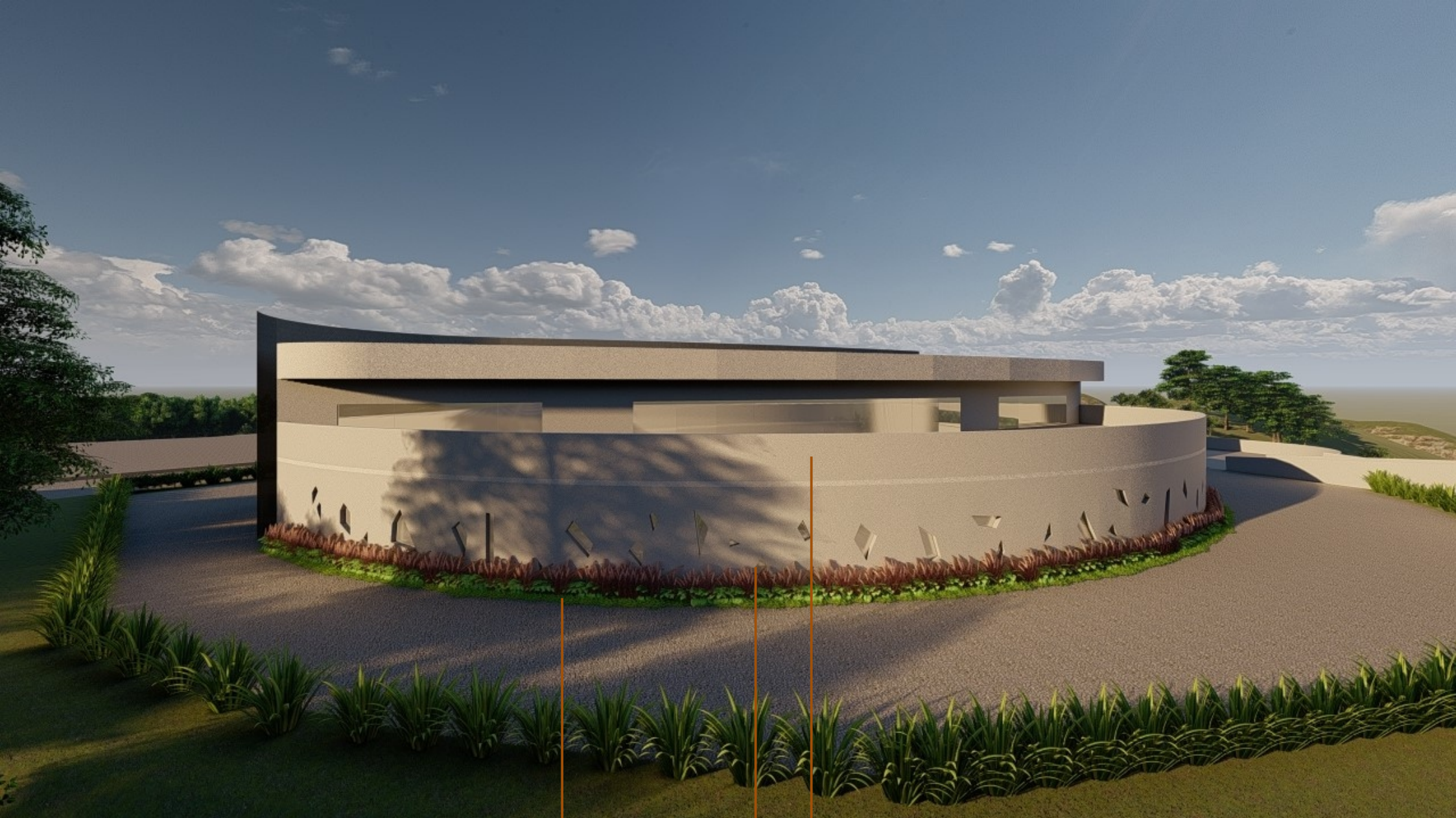




Explorar a forma do terreno

Apropriação do espaço como forma
de contemplação da paisagem

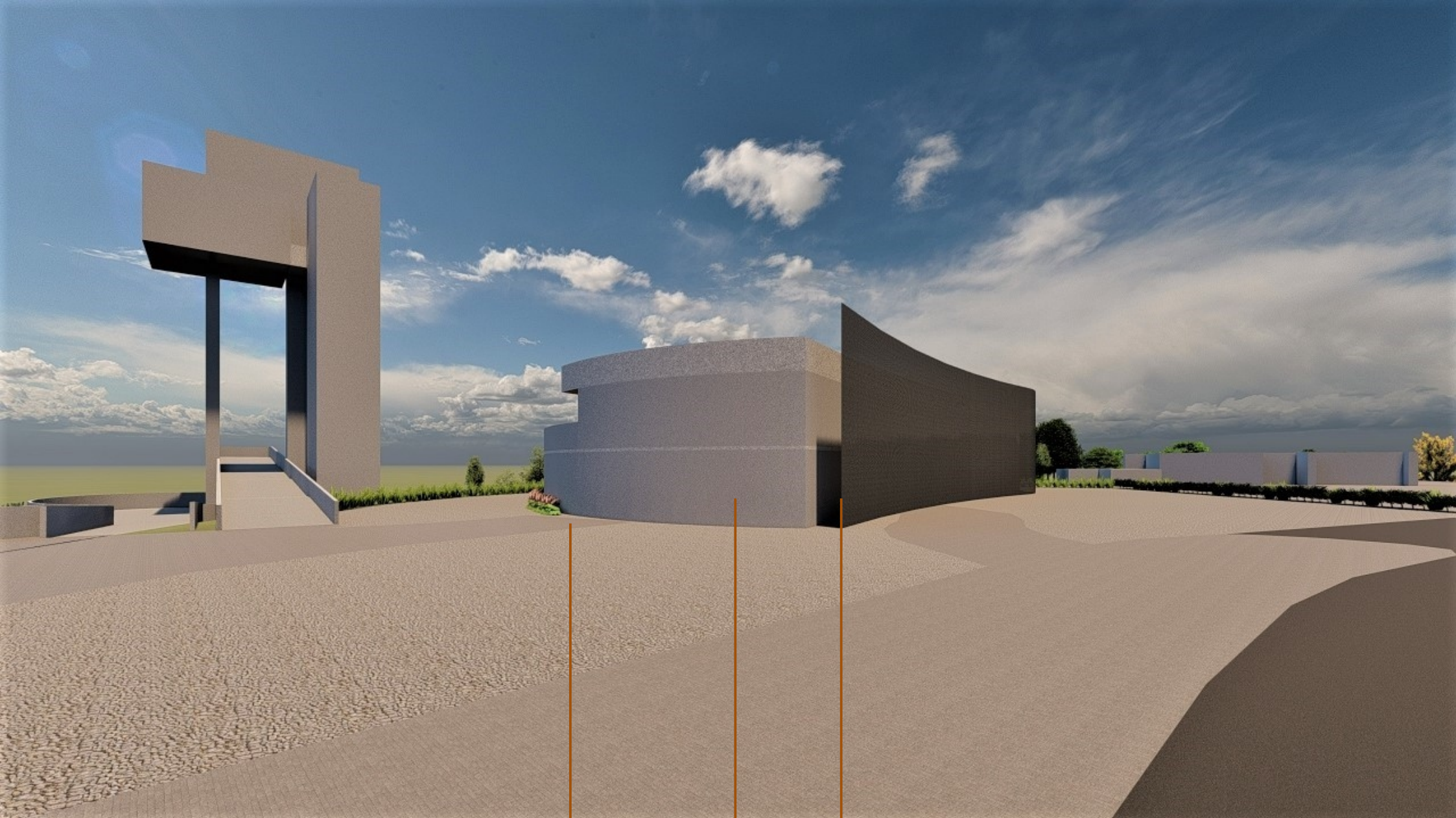
Criar um contraste com o
caráter vertical do Mirante



Utilizar da forma curva como forma de representar a paisagem natural

Aberturas estratégicas na fachada que compõe o percurso da Exposição

Utilização de uma cor clara na fachada contrastando com o verde escuro da vegetação existente



Criar uma conexão com o Mirante

Pretende-se valorizar a paisagem da Serra

Estou avaliando um revestimento metálico para a fachada Norte, que funcione como um brise. Além de dar um caráter contemporâneo para a arquitetura, remete às transformações do homem, ou seja, a paisagem artificial

O Museu da Paisagem de Criciúma contribuirá para a cidade pois irá atrair a população tanto local quanto da região, formando um local de lazer mas principalmente de aprendizado e identificação cultural.

Para o curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC, o projeto abordará um tema pouco explorado dentro das características de paisagem urbana e museu, sendo inovador na área e contribuindo para o acervo do curso.

- DE LUCCA, Gustavo. **Dilemas da urbanização brasileira**: um estudo sobre as transformações espaciais na centralidade urbana de Criciúma/SC. Florianópolis: UFSC, 2015.
- KIEFER, Flávio. **Arquitetura de Museus**. Porto Alegre: Propar, 2000.
- MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. Curitiba: UFPR, 2004.
- NEUFERT, Ernest. **Arte de Projetar em Arquitetura**. 5ª. ed. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 1976.
- PICOLO, Ana Clara. **Catálogo Cultural**: os equipamentos culturais de Criciúma/SC. Criciúma: FCC, 2011.
- SANTOS, Fabiana Pimentel. **Equipamentos culturais**: gestão territorializada pela identidade cultural local. Salvador, 2016.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6ª. ed. 2ª. reimp. São Paulo: Edusp, 2014.
- ArchDaily. <<https://www.archdaily.com.br/br/913665/paisagens-e-memorias-sobrepostas-um-projeto-para-novo-museu-arqueologico-do-Chipre>> Acesso em: 29 de out. 2019.
- ArchDaily. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-2498/fundacao-iberecamargo-alvaro-siza>> Acesso em: 02 de jul. 2021.
- Blog Medium. <<https://medium.com/@leandrogomes/a-falta-de-acesso-a-cultura-na-sociedade-brasileira-bl6e81ddf09>> Acesso em: 29 de out. 2019.
- Fundação Iberê. <<http://iberecamargo.org.br/a-fundacao/#a-arquitetura>> Acesso em: 02 de jul. 2021.
- Plano Nacional de Cultura. <<http://pnc.cultura.gov.br/entenda-o-plano/>> Acesso em: 29 de out. 2019.
- P o r t a l E d u c a ç ã o . <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/tipologia-de-espacos-e-equipamentos-culturais/55184>> Acesso em: 29 de out. 2019.
- SATC. <<https://web.satc.edu.br/2020/01/linha-do-tempo-os-140-anos-de-criciuma-em-fotos/>> Acesso em: 13 de abr. 2021.
- Toda Matéria. <<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-paisagem/>> Acesso em: 29 de out. 2019.

